

Luisa Andrade Gomes Godoy

**OS VERBOS RECÍPROCOS NO PB:
INTERFACE SINTAXE-SEMÂNTICA LEXICAL**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2008

Luisa Andrade Gomes Godoy

OS VERBOS RECÍPROCOS NO PB:

INTERFACE SINTAXE-SEMÂNTICA LEXICAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Lingüística

Linha de pesquisa: Estudo da Estrutura Gramatical da Linguagem

Orientadora: Prof^a Márcia Cançado (UFMG)

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2008

Dedico este trabalho à querida vovó Théa,
que ajudou a despertar em mim a vontade de conhecer.

AGRADECIMENTOS

A Márcia Cançado, pela orientação nesta pesquisa, especificamente, e, de maneira geral, por me conduzir, desde a graduação, na caminhada acadêmica. Foi o seu exemplo pessoal e profissional que me fez vislumbrar a Lingüística como uma carreira a ser seguida. Serei sempre grata pela confiança depositada em minhas capacidades.

Ao Cnpq, pelo apoio financeiro.

A Larissa Ciríaco, colega de Lingüística e amiga para a toda vida, por vivenciar comigo cada etapa dessa empreitada e por me ajudar a superá-las.

Aos professores e colegas do PosLin, por contribuírem para a minha formação.

A minha mãe e ao Betinho, pelo exemplo acadêmico e pelo apoio incondicional. A meu pai, pelo exemplo intelectual. Aos três, pelo amor. À Claudinha, pela revisão do abstract e ao pequeno Max, pelos olhos azuis.

Aos avós, primos, tios, amigos e à família do Bruno, por se orgulharem de mim.

Ao Bruno, meu marido querido, pelo amor, que dá alegria ao cotidiano e disposição para o trabalho.

“A alegria de contemplar e de conhecer
é o melhor presente da natureza.”

A. Einstein

RESUMO

Esta dissertação toma como objeto de estudo os verbos recíprocos no português brasileiro (PB). Esses verbos se comportam de duas maneiras na sintaxe: numa forma simples, como em *João e Maria conversam* (na qual os participantes da reciprocidade são denotados por um argumento) e numa forma descontínua, como em *João conversa com Maria* (na qual os participantes da reciprocidade são denotados separadamente por dois argumentos, um deles preposicionado). A primeira parte do trabalho é uma descrição desses verbos, ainda inexplorados como classe verbal no PB. Por meio de um teste que criamos, identificamos cerca de 200 verbos recíprocos no PB, dentre os quais elegemos 126 para análise. Mostramos que esses verbos apresentam diferentes transitividades e grades temáticas. Realizamos, então, uma reflexão sobre a noção de classe verbal, assumindo, juntamente com Cançado (2005a) e outros, a hipótese de que há propriedades semânticas, presentes na informação lexical dos itens, que determinam seu comportamento sintático. No caso dos verbos recíprocos, a propriedade semântica que compartilham é a reciprocidade, que determina a alternância entre as formas simples e descontínua, independentemente da transitividade e da grade temática do verbo. Mostramos, portanto, que a reciprocidade é uma propriedade gramaticalmente relevante, e apresentamos, ainda, uma discussão sobre a natureza dessa propriedade, que parece pertencer ao componente lógico do significado do verbo. A segunda parte do trabalho é uma análise semântico-lexical da alternância simples-descontínua. Usando a proposta de Cançado (2005a) para os papéis temáticos, buscamos responder a uma questão recorrente na literatura: as formas simples e descontínua são sinônimas? Mostramos que essas formas não podem ser usadas na descrição de um mesmo evento, não sendo, pois, sinônimas. A sentença simples descreve um evento recíproco simétrico e a descontínua, um evento recíproco assimétrico. Diferenciamos, então, os conceitos de reciprocidade e simetria. Discutimos também sobre a natureza da alternância simples-descontínua, que parece diferente de alternâncias estritamente sintáticas, como a ativo-passiva. A alternância dos verbos recíprocos envolve, além da variação de estruturas sintáticas, uma variação no número de argumentos na estrutura argumental. Buscando não assumir que um verbo recíproco tem duas estruturas argumentais, cada qual relacionada a uma das formas alternantes, então, propomos uma estrutura argumental única para cada verbo. Pretendemos, dessa forma, corroborar a hipótese de que um fenômeno gramatical, como o da ocorrência dos verbos recíprocos nas duas formas sintáticas, pode ser explicado de um ponto de vista semântico. Porque tratamos de aspectos semântico-lexicais relacionados a um fenômeno sintático, enfim, podemos dizer que esta pesquisa tem uma perspectiva de interface.

ABSTRACT

This dissertation aims to study the reciprocal verbs in Brazilian Portuguese (BP). These verbs behave syntactically in two ways: one way is the reciprocal verb's simple form, in sentences like *João e Maria conversaram* (in which the participants of the reciprocity relation are denoted by a single argument) and the other way is the reciprocal verb's discontinuous form, in sentences like *João concorda com Maria* (in which the participants of the reciprocity relation are denoted by two separate arguments). The first half of this text contains a description of the reciprocal verbs as a verbal class in BP. Using a test developed to identify reciprocal verbs, we listed over 200 verbs in BP, from which we picked the 126 most common ones for our data. We demonstrate how these verbs have different transitivity patterns and different thematic grills. Then, we ponder on the notion of verbal class, assuming the hypothesis that there are semantic properties in the items' lexical information that determine their syntactic behavior. The semantic property shared by the reciprocal verbs is reciprocity, no matter what thematic grill they have. Reciprocity determines these verbs' syntactic behavior: the alternation between a simple and a discontinuous form, no matter what transitivity pattern they have. Therefore, we show that reciprocity is a grammatically relevant semantic property. We also discuss the nature of this property, that seems to belong to the verb's logic meaning. The second half of this text contains a lexical-semantic analysis of the simple-discontinuous alternation. Adopting Cançado's (2005a) proposal for thematic roles, we answer a current question in linguistic literature: are simple and discontinuous sentences synonymous? We demonstrate how these forms cannot be used to describe the same event, therefore, they are not synonymous. A simple form describes a symmetric reciprocal event and a discontinuous form describes an asymmetric reciprocal event. So, we distinguish the two notions: reciprocity and symmetry. We then go onto the nature of the simple-discontinuous alternation, for it differs from merely syntactic alternations like the active-passive one. The simple-discontinuous alternation involves not only a variation in syntactic structure, but also a variation in the number of arguments in the argument structure. Pursuing the idea that a reciprocal verb does not have two argument structures (each related to a syntactic form), we propose a single argument structure for each verb. Finally, what we seek is to corroborate the hypothesis that a grammatical phenomenon, like the syntactic alternation presented by reciprocal verbs, can be explained from a semantic point of view. Because we deal with lexical-semantic aspects related to a syntactic phenomenon, it's possible to say that this research has an interface perspective.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 1.1 O objeto de estudo | 9 |
| 1.2 Breve revisão bibliográfica | 11 |
| 1.3 Questões | 16 |
| 1.4 Hipóteses | 18 |
| 1.5 Objetivos | 19 |
| 1.5.1 Objetivos específicos..... | 19 |
| 1.5.2 Objetivos gerais..... | 20 |
| 1.6 Procedimentos metodológicos | 20 |
| 1.7 Organização da dissertação | 21 |
| | |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO: A PROPOSTA DE CANÇADO (2005a) PARA OS PAPÉIS TEMÁTICOS | 22 |
| 2.1 Problemas com a noção de papel temático | 23 |
| 2.2 Definindo papel temático | 23 |
| 2.3 Propriedades semânticas | 26 |
| 2.3.1 Desencadeador, Afetado e Estativo..... | 27 |
| 2.3.2 A composição com o Controle..... | 28 |
| 2.3.3 Outras composições..... | 30 |
| 2.4 A estrutura argumental | 32 |
| | |
| 3 OS VERBOS RECÍPROCOS COMO UMA CLASSE VERBAL GRAMATICAL | 34 |
| 3.1 O que são os verbos recíprocos | 34 |
| 3.1.1 As formas simples e descontínua..... | 35 |
| 3.1.2 Identificando um verbo recíproco..... | 36 |
| 3.1.3 Verbos recíprocos apresentam diferentes transitividades..... | 37 |
| 3.2 Descrição das transitividades dos verbos recíprocos | 39 |
| 3.2.1 Verbos recíprocos intransitivos (<i>lutar</i>)..... | 39 |

| | |
|---|-----------|
| 3.2.2 Verbos recíprocos transitivos (<i>negociar</i> e <i>juntar</i>)..... | 41 |
| 3.2.2.1 Verbos transitivos que denotam reciprocidade no argumento externo..... | 42 |
| 3.2.2.1 Verbos transitivos que denotam reciprocidade no argumento interno..... | 42 |
| 3.2.3 Construções reduzidas intransitivas (<i>juntar-se</i>)..... | 43 |
| 3.2.4 Síntese da descrição das transitividades..... | 47 |
| 3.3 Considerações sobre o agrupamento dos verbos em classes e o caso dos verbos recíprocos..... | 48 |
| | |
| 4 A ESTRUTURA ARGUMENTAL DOS VERBOS RECÍPROCOS E A ALTERNÂNCIA SIMPLES-DESCONTÍNUA..... | 51 |
| 4.1 Relação de sentido entre as formas simples e descontínua..... | 51 |
| 4.2 Natureza da alternância de diátese simples-descontínua..... | 56 |
| 4.3 Uma proposta para a estrutura argumental dos verbos recíprocos..... | 57 |
| 4.4 Aplicação da proposta: as estruturas argumentais dos diversos verbos recíprocos..... | 59 |
| 4.4.1 Verbos recíprocos intransitivos – [x V (P z)]..... | 59 |
| 4.4.2 Verbos recíprocos transitivos – [x V y (P z)]..... | 62 |
| 4.4.2.1 Verbos transitivos de reciprocidade no argumento externo..... | 62 |
| 4.4.2.2 Verbos transitivos de reciprocidade no argumento interno..... | 63 |
| 4.5 *O carro e o poste colidiram: resolvendo um problema na literatura..... | 67 |
| 4.6 Considerações sobre a projeção da estrutura argumental dos verbos recíprocos na sintaxe..... | 70 |
| | |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 73 |
| | |
| REFERÊNCIAS..... | 77 |
| | |
| APÊNDICE: Corpus de sentenças com verbos recíprocos..... | 80 |

1 INTRODUÇÃO

Toda ciência parte do preceito de que há um sistema não-observável subjacente aos fenômenos observáveis, que os determina. A Linguística, especificamente, busca a sistematicidade por detrás do aparente caos dos fatos da língua. Uma vertente dessa ciência pretende relacionar a sistematicidade dos fatos ao conhecimento lingüístico inconsciente compartilhado pelos falantes (de uma ou de toda e qualquer língua). Assim, a explicação de um fenômeno lingüístico específico pode oferecer uma contribuição à compreensão de um fenômeno humano mais geral, o conhecimento lingüístico.

Esta dissertação insere-se nessa vertente, e pretende, pela análise do fenômeno dos verbos que expressam reciprocidade, contribuir para a compreensão do conhecimento inconsciente que os falantes do português brasileiro (PB) compartilham sobre a sua língua. Neste capítulo, exporemos as direções e os limites da pesquisa realizada sobre esse objeto, começando pela sua caracterização.

1. 1 O objeto de estudo

O objeto de estudo desta dissertação é a classe dos verbos recíprocos. Trata-se de uma forma específica da expressão da reciprocidade, informação semântica que, em português, pode se manifestar lingüisticamente de diversas formas:

- (1) João ama Maria e Maria ama João.
- (2) João e Maria amam um ao outro.
- (3) João e Maria se amam.
- (4) João e Maria concordam.

Em (1), temos o que Maslova e Nedjalkov (2005) chamam de expressão icônica da reciprocidade. A iconicidade se deve à repetição do verbo, que reflete a duplicidade do evento no mundo, sendo esse tipo de construção um mecanismo universal de expressão da reciprocidade. Como demonstram os autores em seu levantamento tipológico, as línguas se diferem quanto à expressão

não-icônica da reciprocidade. Em português, a expressão não-icônica, gramatical, pode ser construída com o SN *um...o outro*, como em (2), que é bem traduzido pelo *each other* do inglês, ou pela partícula *se*, como em (3), comum às demais línguas românicas, mas inexistente em inglês. Vale observar, conforme Maslova (2007), que o clítico *se* é uma marca ambígua, podendo expressar tanto reciprocidade quanto reflexividade. Enfim, nas sentenças de (1) a (3), a idéia de reciprocidade é veiculada de forma composicional, pois deriva de uma certa composição dos itens na sentença, o que podemos chamar de um mecanismo lingüístico de reciprocidade. O último tipo de sentença que expressa reciprocidade em português, como em (4), no entanto, não conta com nenhum mecanismo que expresse a reciprocidade – repetição do verbo, adição de sintagmas ou partículas que veiculem esse sentido. É o único caso, dentre os quatro arrolados, de reciprocidade veiculada não-composicionalmente. Trata-se de um verbo que contém lexicalmente o sentido da reciprocidade, não de uma construção cuja interpretação é recíproca.

O verbo *concordar* não é um idiomatismo, um caso único de verbo intrinsecamente recíproco. Existem muitos outros exemplos no PB:

- (5) João e Maria conversaram.
- (6) João e Maria trombaram.
- (7) João e Maria divergem.

Chamaremos esses verbos nas sentenças de (4) a (7) de “verbos recíprocos”. Veja que verbos que não pertencem a esse grupo, em um mesmo tipo de construção sintática, não expressam reciprocidade:

- (8) João e Maria chegaram.

Sendo essa construção não-recíproca em (8) formalmente idêntica às construções em (4)-(7), é fácil perceber que a reciprocidade reside mesmo no sentido dos verbos daquelas sentenças. Em (1)-(3), portanto, há reciprocidade composicional, em (4)-(7), há reciprocidade lexical e em (8), não há reciprocidade.

Os verbos recíprocos têm uma particularidade: apresentam, além das formas em (4)-(7), que chamaremos de simples, uma versão descontínua¹, como em (9)-(12) abaixo:

- (9) João concorda com Maria.
- (10) João conversou com Maria.
- (11) João trombou com Maria.
- (12) João diverge de Maria.

Alguns verbos não-recíprocos podem formar construções similares sintaticamente, no entanto, elas não expressam reciprocidade, mas outros sentidos, como companhia, por exemplo:

- (13) João chegou com Maria.

Isolamos os verbos lexicalmente recíprocos como *concordar*, *conversar*, *trombar* e *divergir* de verbos como *amar* e *chegar*, que não contêm o sentido da reciprocidade no nível lexical (podendo veiculá-lo apenas na sintaxe, em composição com outros itens, como *amar*, em (1)-(3)). Aqueles, e não estes, constituem o objeto de estudo desta dissertação. Resenhamos, a seguir, o que encontramos na literatura lingüística a respeito dos verbos recíprocos ou dos assuntos relacionados ao nosso objeto de estudo.

1.2 Breve revisão bibliográfica

Podemos encontrar menções ao que chamamos de verbos recíprocos em alguns trabalhos de semântica que tomam emprestado o conceito lógico-formal de simetria para nomear seu objeto de estudo (CHAFE, 1971; CROFT, 1991; DOWTY, 1991; FILLMORE, 1972; GLEITMAN *et al.*, 1996; ILARI, 1987; RAJAGOPALAN, 1987). Nesses trabalhos, os verbos recíprocos como *concordar* (ou *agree*, em inglês) encontram-se dentre os inúmeros predicados simétricos, que incluem também expressões predicativas como *são iguais*, por vezes mecanismos de reciprocidade como a expressão *gostam um do outro* e até expressões como *trabalham na mesma*

¹ Chamamos de descontínua a sentença de sentido recíproco na qual os participantes da relação de reciprocidade são denotados por dois argumentos distintos, um deles preposicionado, diferentemente da construção recíproca simples, na qual os participantes da relação de reciprocidade são denotados por um só argumento.

sala. Discute-se, por exemplo, se há ou não sinonímia entre as versões simples (como em (4)-(7)) e as descontínuas (como em (9)-(12)). Na verdade, essa sinonímia é discutida de maneira ampla em relação às duas versões de todos os predicados simétricos, não apenas dos verbos recíprocos:

- (14) a. João e Maria concordam. > b. João concorda com Maria.
- (15) a. João e Maria são iguais. > b. João é igual a Maria.
- (16) a. João e Maria gostam um do outro. > b. João gosta de Maria.
- (17) a. João e Maria trabalham na mesma sala. > b. João trabalha na mesma sala que Maria.

O debate dos autores se dá em relação a questões como: que predicados apresentam ou não sinonímia entre a versão (a) e a (b)? (DOWTY, 1991) Ou: que predicados são mais ou menos simétricos? (GLEITMAN *et al.*, 1996). Explicações são oferecidas para a não-sinonímia ou para um maior ou menor grau de simetria entre as versões (a) e (b) ou entre os diferentes predicados. Uma outra discussão que perpassa alguns dos trabalhos citados (DOWTY, 1991; FILLMORE, 1972) diz respeito à atribuição de papel temático nessas sentenças. Se as sentenças expressam uma relação de simetria, haveria um mesmo papel sendo atribuído a dois argumentos? Esses trabalhos, portanto, tratam de questões relevantes para o estudo específico dos verbos recíprocos, apesar de não descrevê-los, citando apenas um ou outro verbo recíproco dentre os demais tipos de predicados e sentenças.

Há um segundo conjunto de trabalhos em lingüística que discutem temas relevantes para a pesquisa sobre os verbos recíprocos. São trabalhos mais recentes em semântica (DIMITRIADIS, 2004, 2005; DIXON, 1992; HEIM; LASNIK; MAY, 1991; REINHART; SILONI, 2005; SILONI, 2001, 2007; WILLIAMS, 1991) e também em tipologia (MASLOVA; NEDJALKOV, 2005; MASLOVA 2007), que nomeiam seu objeto de estudo de “reciprocidade”, “recíprocos”, “construções recíprocas” ou até mesmo “verbos recíprocos”. Porém, apesar dessa nomenclatura, os autores não tratam dos verbos lexicalmente recíprocos, mas dos mecanismos de reciprocidade (como aqueles exemplificados nas sentenças em (1)-(3)). Com apenas algumas exceções, os verbos recíprocos não são sequer mencionados. Vejamos de forma abreviada o que dizem esses autores.

Heim, Lasnik e May (1991), rebatidos por Williams (1991), discutem a representação formal do *each other*, mecanismo de reciprocidade do inglês, enquanto que Dimitriadis (2005) discute a estrutura eventual dos diferentes tipos de construções recíprocas. Já Maslova e Nedjalkov (2005) e Maslova (2007), como dissemos acima, analisam e comparam os mecanismos de reciprocidade nas diferentes línguas. Reinhart e Siloni (2005) também listam esses mecanismos, que chamam de “operações de reciprocização”, juntamente com as diversas operações de valência (“arity operations”) existentes nas línguas, como a reflexivização, a passivização, a decausativização, dentre outras. As autoras diferenciam línguas que realizam essas operações de valência no nível sintático de línguas que as realizam no nível lexical. O seu objetivo é criar um parâmetro: as línguas operam a valência dos verbos ou na sintaxe ou no léxico. Elas citam indícios para detectar se uma operação é lexical ou sintática em determinada língua. No caso da operação de reciprocização, a ocorrência de uma versão descontínua para uma sentença recíproca indica que a operação, naquela língua, é lexical. Seria esse o caso do húngaro:

- (18) a. János és Mari csókol-óz-t-ak.
 János e Mari beijar-*recip*-pass-3pl
 ‘János e Mari beijaram-se’
 b. János csókol-óz-ott Mari-val.
 János beijar-*recip*-pass Mari-com
 ‘*János beijou-se com Maria’

O verbo não-recíproco *beijar*, em húngaro, pode formar uma sentença recíproca, como em (18a), por meio de um mecanismo de reciprocidade – a partícula *óz*. Essa sentença pode, nessa língua, apresentar uma versão descontínua, como em (18b). Em português, o verbo não-recíproco *beijar* também pode sofrer reciprocização por meio de uma partícula (*se*), porém, esse verbo reciprocizado (*beijar-se*) não pode formar uma sentença recíproca descontínua, como indica a agramaticalidade da tradução da sentença em (18b). Assim, o português é classificado pelas autoras como uma língua que sofre a operação de reciprocização na sintaxe, não no léxico. Dimitriadis (2004), que enfoca unicamente o fenômeno das sentenças descontínuas, também exclui o português das línguas que apresentam esse fenômeno. No entanto, essas autoras não

observam que em português há verbos de sentido inerentemente recíproco, como *concordar*, que podem apresentar uma versão descontínua (como em (9)), ou seja, no português, não há apenas operações sintáticas de reciprocização (*beijar* > *beijar-se*), mas também verbos lexicalmente recíprocos.

Dentre esses trabalhos que tratam dos mecanismos de reciprocidade, apenas Dixon (1992) e Siloni (2001, 2007) mencionam a existência de verbos inerentemente recíprocos. Dixon (1992) chega a listar verbos recíprocos no inglês (como *meet*, *agree* e *debate*) e Siloni (2007) cita alguns desses verbos, retomando o parâmetro formulado em Reinhart e Siloni (2005). A autora visa, justamente, explicar a existência de sentenças descontínuas em línguas classificadas como sintáticas, como o português e as línguas românicas. Se, por um lado, não há uma forma descontínua de um verbo sintaticamente reciprocizado, como em (18b), há sentenças descontínuas com verbos lexicalmente recíprocos, como em (9)-(12). Isso não infringe o parâmetro formulado por Reinhart e Siloni, pelo contrário, corrobora-o. Sentenças descontínuas de sentido recíproco podem existir em qualquer língua, lexical ou sintática. Mas, nas línguas sintáticas, elas existem apenas com verbos que são lexicalmente recíprocos, como *concordar*, não com verbos não-recíprocos que formam sentenças recíprocas, como *amar*.

Nesses trabalhos mencionados até aqui, apesar de os verbos recíprocos não serem isolados como classe, há discussões e análises importantes que lhes dizem respeito. Assim, resenhas mais específicas desses trabalhos são feitas de maneira esparsa ao longo da dissertação, à medida que seja necessário retomar a literatura no tratamento de alguma questão. No entanto, argumentamos que os verbos recíprocos merecem ser tratados individualmente, por serem muitos no PB e, principalmente, por constituírem uma classe verbal gramatical, que se difere lexicalmente dos demais verbos dessa língua, tanto em questões semântico-interpretativas quanto em relação à sua estrutura argumental peculiar, como visamos mostrar com esta pesquisa.

Levin (1993), diferentemente dos autores supracitados, trata especificamente dos verbos recíprocos, listando-os e mostrando que participam da alternância entre as formas simples e descontínua, o que ela chama de alternância recíproca. Porém, seu trabalho é apenas uma listagem, não tendo como preocupação apresentar uma análise dos verbos recíprocos ou da alternância que apresentam. Borillo (1971) parece ser o único autor que discute e analisa a existência dos verbos recíprocos, tomando-os exclusivamente como objeto de estudo.

Borillo (1971) trata da alternância entre as formas simples e descontínua dos verbos recíprocos em francês, aos quais se refere como “verbos simétricos”. O autor faz um vasto levantamento desses verbos na língua francesa, fornecendo uma descrição das formas simples e descontínua² (ele lista, por exemplo, os tipos de sintagmas que ocupam a posição de sujeito na forma simples e as diversas preposições que ocorrem nas formas descontínuas). Os verbos recíprocos são apartados de outros tipos de verbos, mesmo daqueles que ocorrem em composições sentenciais sintaticamente semelhantes às formas simples e descontínua, como fizemos diferenciando *chegar*, em (8) e (13), de *concordar*, em (4) e (9). A perspectiva do autor é sintática, na sua vertente transformacional. Assim, seu objetivo é discutir a transformação, a regra sintática responsável pela derivação de uma forma a partir da outra.

Borillo é pioneiro na delimitação do conjunto dos verbos recíprocos, agrupamento que se mostra relevante, pois os verbos se comportam semelhantemente (apresentando as formas simples e descontínua). O seu trabalho também tem os méritos de apresentar uma descrição dos verbos para o francês e de fornecer uma explicação para a alternância entre as duas formas. No entanto, ainda existem questões a ser tratadas e mais bem compreendidas a respeito da classe dos verbos recíprocos. O autor pressupõe, por exemplo, uma sinonímia entre as formas simples e descontínua, o que não se mostra adequado, quando observamos alguns dados do PB, como veremos a seguir. A perspectiva sintática adotada pelo autor também não aborda questões sobre a estrutura argumental, a atribuição de papel temático, a interpretação e outras questões de ordem semântica. Pode-se apontar, ainda, uma incongruência no que diz respeito à proposta assumida pelo autor de a alternância entre as formas simples e descontínua se dar através de uma regra transformacional, isto é, sintática. Se isso é fato, não há porque agrupar os verbos de acordo com o seu sentido, ou seja, se a perspectiva é a da transformação, os fenômenos gramaticais são de responsabilidade apenas da sintaxe. A princípio, então, qualquer tipo semântico de verbo poderia participar da alternância simples-descontínua. É justamente essa a abordagem de Lakoff e Peters (1969). Eles propõem uma regra transformacional, nomeada “conjunct movement”, que deriva a forma descontínua da forma simples, tanto para verbos recíprocos como *concordar* (*João e Maria concordam > João concorda com Maria*), quanto para não-recíprocos como *passear* (*João e Maria passeiam > João passeia com Maria*), indistintamente. Borillo, por outro lado, ao

² O autor, porém, não usa essa mesma terminologia. As formas simples e descontínua são descritas por esquemas como [SN₁ et SN₂ V] e [SN₁ V avec SN₂], dentre outros.

agrupar os verbos recíprocos e relacioná-los a essa alternância, concorda com a idéia de um léxico mais organizado, no qual há itens que compartilham uma propriedade semântica e que, por isso, se comportam semelhantemente na sintaxe. Essa é uma perspectiva lexicalista, como a que é adotada neste trabalho, mas incongruente com os pressupostos transformacionais de um léxico não-organizado, que contém apenas sentidos idiossincráticos.

O último trabalho a ser mencionado é o de Fonseca (1984), que aplica a proposta de Borillo (1971) para o português europeu. A diferença desse trabalho em relação ao trabalho francês se dá em dois pontos. O primeiro ponto é o tratamento do fenômeno em outra língua, com o levantamento e a análise de um *corpus* diferente, ou seja, verbos recíprocos do português europeu. Em segundo lugar, Fonseca discorda de Borillo com relação a verbos como *juntar*, que, para Borillo, são recíprocos, mas não para Fonseca. Esses verbos parecem expressar a relação de reciprocidade, na forma descontínua, não entre o sujeito e o complemento, mas entre os complementos verbais (*João juntou o leite com a farinha*)³.

Tendo mostrado, brevemente, o que se pode encontrar na literatura acerca de nosso objeto de estudo, percebemos que existem muitas lacunas no tratamento dos verbos recíprocos. Formulamos a seguir as questões que se ainda impõem sobre o tema, apresentando, em seguida, as hipóteses, os objetivos e os procedimentos metodológicos deste trabalho.

1.3 Questões

O primeiro conjunto de questionamentos que norteiam esta pesquisa se relaciona à noção de classe verbal, aplicada ao caso dos verbos recíprocos. Qual é a extensão da classe dos verbos recíprocos em PB? Verbos como *juntar*, abaixo, deveriam ser incluídos nesse grupo, como propõem Siloni (2007) e Borillo (1971), ou esses verbos devem ser excluídos do grupo, como afirma Fonseca (1984)?

- (19) a. João juntou o leite e a farinha.
 b. João juntou o leite com a farinha.

³ Uma discussão sobre esse tipo de verbo recíproco é feita no capítulo 3.

Juntar, em (19a), parece fazer referência aos participantes da reciprocidade pelo argumento em posição de complemento verbal, e não pelo argumento-sujeito, como *concordar*, em (4). Se verbos como *juntar* são recíprocos, pode-se dizer que em (19) temos a mesma alternância simples-descontínua de verbos como *concordar*? Como definir as formas simples e descontínua? E como definir, enfim, um verbo recíproco? Ou melhor, o que têm em comum esses verbos de forma a compor uma classe? Será apenas uma característica semântica em comum (a reciprocidade)? Essa característica semântica pertenceria à grade temática desses verbos? E seria ela relevante para reuni-los em uma classe verbal? E o que é, afinal, necessário para se ter uma classe verbal e não apenas um agrupamento de verbos com características comuns?

Um segundo conjunto de questões que formulamos se relaciona à alternância, apresentada pelos verbos recíprocos, entre as formas simples e descontínua. Por que parece haver duas formas sintáticas para cada verbo recíproco, tanto para os como *concordar*, como em (4)-(7) e (9)-(12), quanto para os como *juntar*, como aparentemente ocorre em (19)? Qual é a relação entre a forma simples e a descontínua? Trata-se de uma paráfrase, como pressupõe Borillo (1971)? Se sim, como explicar o curioso exemplo em (21), apontado por Dowty (1991) e outros (traduzido aqui para o português), em comparação com a pressuposta paráfrase em (20)?

- (20) a. O carro colidiu com o caminhão.
 b. O carro e o caminhão colidiram.
- (21) a. O carro colidiu com o poste.
 b. *O carro e o poste colidiram.

A relação entre as sentenças em (21) não é a de uma paráfrase, pois a sentença (b) é agramatical. Da mesma forma, (20) seria um caso de não-sinonímia? O exemplo abaixo também parece um caso de não-sinonímia, pois há uma diferença no grau de agentividade de *João* em relação a *Maria* na sentença descontínua em (b), o que não ocorre em (a):

- (22) a. João e Maria brigaram.
 b. João brigou com Maria.

Seriam ambos os argumentos *João* e *Maria*, em (22b), agentes? Se sim, como justificar essa violação do Critério Theta (um mesmo papel temático atribuído a dois argumentos)? Se não, que papéis temáticos são atribuídos? Essa diferente atribuição de papel temático pode captar a diferença de agentividade mencionada acima? Para todo verbo recíproco, por conseguinte, não há sinonímia entre as formas simples e descontínua? Qual é a natureza da alternância simples-descontínua? Haveria uma forma básica, da qual deriva a segunda? Qual é, portanto, a estrutura argumental de um verbo recíproco? Finalmente, como explicar a agramaticalidade de (21b)?

1.4 Hipóteses

Assumimos, juntamente com Caçado (2005a), Dixon (1992), Dowty (1989, 1991, 2001) e Levin (1993), dentre outros, que a informação semântica presente nos itens lexicais não se resume a uma coleção de sentidos idiossincráticos. Parece haver também outros tipos de sentido – os sentidos que são relevantes gramaticalmente, determinando as realizações sintáticas dos itens. Assim, formula-se a hipótese de que a semântica restringe a sintaxe. Melhor dizendo, parece haver propriedades semânticas presentes nos itens lexicais, ou decorrentes da sua composição com outros itens, que determinam ou licenciam certas construções sintáticas com esses itens ou que, ao contrário, barram determinados arranjos sintáticos com os mesmos. Logo, se alguns verbos se comportam sintaticamente da mesma maneira ou, mais propriamente, compartilham uma propriedade sintática, então são suspeitos de carregar alguma propriedade semântica em comum. Esse é o tipo de procedimento metodológico das investigações que assumem essa hipótese de pesquisa (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 2005).

Assumimos também o pressuposto de que a semântica, além de restringir a sintaxe, como na hipótese formulada acima, organiza-a, configurando-se como um módulo semântico autônomo, conforme propõem Caçado (2005a), Chierchia (1989), Franchi e Caçado (1997) e Jackendoff (1990). Por autonomia, entende-se que a semântica, como a sintaxe e a fonologia, é estruturada e possui regras, princípios e primitivos próprios, não sendo apenas um componente que interpreta as estruturas sintáticas ou apenas um conjunto de informações idiossincráticas presentes nos itens lexicais. Os argumentos que ocupam certas posições sintáticas em uma sentença seriam projetados assim a partir de uma organização dos mesmos no módulo

semântico⁴. Entendemos, portanto, que a estrutura gramatical e a formação de sentenças não são responsabilidade apenas da sintaxe, mas também da semântica. Por isso, um fenômeno gramatical como o da alternância simples-descontínua dos verbos recíprocos pode ser analisado sob a ótica da semântica, não apenas no sentido da interpretação, mas também da formação de sentenças com esses verbos.

Esse conjunto de hipóteses pode ser resumido, restringindo-nos ao nosso objeto de estudo, da seguinte forma. Primeiramente, se os verbos recíprocos se comportam semelhantemente na sintaxe, apresentando as versões simples e descontínua, perseguimos a hipótese de que a presença da sua propriedade semântico-lexical em comum, a reciprocidade, determina esse comportamento. A segunda hipótese perseguida é a de que o fenômeno dos verbos recíprocos pode ser explicado sob o ponto de vista semântico-lexical. Dessa forma, compreendendo a estrutura argumental dos verbos, isto é, identificando o que é ou não argumento verbal e descrevendo a qualidade dos argumentos, ou seus papéis temáticos, podemos explicar a interpretação das sentenças com esses verbos e entender mais sobre a alternância simples-descontínua, em relação a aspectos como a natureza dessa alternância de diátese (em comparação com as demais alternâncias conhecidas) e a sua finalidade na língua (o que o falante expressa quando escolhe usar uma ou outra estrutura). Além disso, o estudo da estrutura argumental dos verbos recíprocos pode lançar uma luz para a compreensão da organização sintática peculiar desses verbos. A preposição em construções descontínuas como em (9)-(12), por exemplo, marcaria um argumento que tem alguma particularidade em relação aos demais argumentos da estrutura argumental.

1.5 Objetivos

1.5.1 Objetivos específicos

- a) Descrever a classe dos verbos recíprocos, as suas manifestações sintáticas e suas grades temáticas, determinando a extensão dessa classe dentre os verbos do PB;
- b) Propor uma definição ou teste que identifique um verbo como recíproco;

⁴ Podemos com isso assumir, juntamente com Cançado (2005a), que há uma direção, da semântica para a sintaxe, na formação das sentenças.

- c) Justificar por que esses verbos devem ou não ser agrupados em uma classe verbal, desenvolvendo uma reflexão sobre a noção de classe;
- d) Responder se as formas simples e descontínua são sinônimas e o porquê da agramaticalidade de um exemplo como (21b);
- e) Explicar a atribuição de papel temático nas sentenças com os verbos recíprocos, principalmente nas sentenças descontínuas, pois apresentam uma aparente violação do Critério Theta;
- f) Explicar a natureza da alternância entre as duas formas sintáticas e a sua justificativa semântica;
- g) Propor uma estrutura argumental para os verbos, ou seja, a maneira como são armazenadas no léxico as informações sobre o verbo recíproco como item predicador.

1.5.2 Objetivos gerais

- a) Contribuir para a descrição do PB;
- b) Contribuir para a lingüística, na discussão sobre alguns de seus conceitos, como o de classe verbal, o de sentido lexical e o de papel temático;
- c) Corroborar a hipótese teórica de que a semântica, como a sintaxe, é responsável pela estruturação gramatical;
- d) Corroborar a hipótese teórica de que o léxico é organizado, cuja função na língua é mais que fornecer itens para a derivação sintática. A sintaxe seria uma realização da estruturação semântico-lexical;
- e) Contribuir para a compreensão do conhecimento gramatical, ou seja, do que os falantes sabem de forma internalizada, que os permite interpretar e produzir sentenças em PB.

1.6 Procedimentos metodológicos

A fim de atingir os objetivos, respondendo às questões e testando as hipóteses, procedemos da seguinte maneira na pesquisa dos verbos recíprocos.

Primeiramente, foram listados os verbos recíprocos do PB, a partir de um teste desenvolvido para a identificação dos mesmos (relatado no capítulo 3). Utilizou-se, para essa

listagem, o dicionário de Borba (1990), em que há uma grande quantidade de verbos do PB. Foram listados, dos 5000 verbos de Borba, cerca de 200 verbos recíprocos, dentre os quais elegemos 126 para a análise, por serem aqueles com os quais pudemos lidar com mais intuição. Procedemos à construção do *corpus* de sentenças com os verbos recíprocos. Esse corpus é composto de 284 sentenças coletadas de forma espontânea ou construídas a partir da intuição de falante. Finalmente, utilizando a ferramenta do acarretamento lexical, que será explicada no capítulo 2, pudemos verificar as relações entre os verbos recíprocos e seus argumentos (o que é ou não argumento do verbo predicador e que papéis são atribuídos a seus argumentos). Com essa análise descritiva em mãos, partimos para o trabalho de análise explicativa, buscando responder às questões e testar as hipóteses aqui propostas.

1.7 Organização da dissertação

No capítulo 2, apresentamos o referencial teórico que utilizamos neste trabalho. Trata-se de uma abordagem mais fina dos papéis temáticos, proposta em Cançado (2005a), a partir das propostas de Dowty (1989, 1991) e Franchi (1997). Nessa perspectiva de uma análise semântica mais fina, pretendemos explicar a atribuição de papel temático nas sentenças descontínuas e a agramaticalidade de uma sentença como (21b), além de compreender o que expressam as formas simples e descontínua, de uma maneira geral. Antes, porém, de tratar dessas questões, apresentamos, no capítulo 3, a descrição feita dos verbos recíprocos no PB, de forma a responder ao primeiro conjunto de questões formuladas, refletindo sobre a noção de classe verbal. No capítulo 4, expomos a análise da alternância simples-descontínua, baseada na proposta de Cançado (2005a), respondendo ao segundo conjunto de questões. Finalmente, no capítulo 5, tecemos as considerações finais sobre a pesquisa, apontando suas lacunas e justificando-a pelos seus méritos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: A PROPOSTA DE CANÇADO (2005a) PARA OS PAPÉIS TEMÁTICOS

De maneira geral, este trabalho se insere em uma abordagem lingüística cujo enfoque é a gramática, ou seja, o conjunto de regras de construção e interpretação lingüísticas que os falantes de uma língua compartilham de forma internalizada, inconsciente. Assim, a tarefa a que essa abordagem se propõe é elucidar esse mecanismo, e não outras facetas da língua, como, por exemplo, o seu uso. A análise se limita, dessa forma, ao nível sentencial.

Mais especificamente, a perspectiva que assumimos confere relevância à semântica e ao léxico em uma teoria gramatical. A menção, e não o uso, é investigada. Por menção, entende-se uma expressão lingüística não-contextualizada, cujo sentido é o mais básico, comumente chamado de literal, por decorrer única e exclusivamente das regras de composição da língua e não de inferências ou fatores contextuais, pragmáticos e discursivos (CANÇADO, 2005b).

A semântica é encarada como passível de descrição e análise sistemática, tarefa que se torna imprescindível se adotamos uma perspectiva lexicalista. Na perspectiva lexicalista, o conhecimento que um falante tem do seu léxico é visto não como uma lista de irregularidades e sentidos idiossincráticos, mas como uma rede organizada de informações lingüísticas (LEVIN, 1993). O estudo da semântica, nessa perspectiva, trata de assuntos como as relações de predicação e de sentido, ou relação temática, entre os itens lexicais. Quando se busca relacionar tais aspectos semântico-lexicais à manifestação sintática dos itens, estamos inseridos em uma abordagem de interface entre a semântica lexical e a sintaxe.

Dentro dessa área de investigação lingüística, tomamos como instrumento de descrição e análise dos verbos recíprocos a redefinição dos papéis temáticos, proposta por Cançado (2000, 2003a, 2003b, 2005a), à qual faremos referência em sua versão mais recente (CANÇADO, 2005a). Primeiramente, retomemos o motivo por que se deve propor uma redefinição dos papéis temáticos.

2.1 Problemas com a noção de papel temático

Um primeiro problema, bastante discutido, com a noção de papel temático é o da definição: os autores não entram em consenso com relação às definições dos diferentes papéis, as quais, muitas vezes, não descrevem bem os dados das línguas. Observe-se um exemplo, retirado de Cançado (2005b), de como se cria um impasse ao aplicar as diferentes definições dos autores a um dado lingüístico. Fillmore (1968) define o agente como a função de um ente animado responsável voluntária ou involuntariamente pela ação. Já Halliday (1967) define essa mesma função como a do participante que tem controle sobre a ação. Assim, *João*, em uma sentença como *João quebrou o vaso com o empurrão que levou*, seria um agente para Fillmore, pois é animado e é responsável, ainda que involuntariamente, pela ação. Porém, para Halliday, *João* não seria um agente nessa sentença, pois não tem controle sobre a ação de quebrar.

Além do problema da definição, os papéis temáticos, na tradição lingüística, apresentam também o problema da indivisibilidade. Os papéis são tradicionalmente tidos como noções semânticas primitivas, o que gera vários problemas de análise, como o da violação do Critério Theta. Tomando a concepção bem geral de agente como sendo o causador da ação e a de paciente como sendo aquele que muda de estado, em uma sentença como *João (se) mexeu*, por exemplo, o argumento *João* parece receber ambos os papéis, o de agente e o de paciente. Buscando sanar esses problemas, Cançado (2005a) desenvolve uma definição ao mesmo tempo mais formal e mais flexível dos papéis temáticos.

2.2 Definindo papel temático

A proposta de Cançado se baseia nas propostas de Jackendoff (1990) e Dowty (1989), que buscam oferecer uma definição mais formal dos papéis temáticos, para que possam ser utilizados na descrição e explicação da gramática das línguas. Partindo desse objetivo comum, cada trabalho toma, porém, uma direção diferente. O trabalho de Cançado se difere, portanto, do de Jackendoff, que define os papéis como posições em uma estrutura conceitual semântica, ou seja, os define estruturalmente e não pelo seu conteúdo. Cançado, por outro lado, busca explicitar o conteúdo semântico dos papéis. Com relação ao trabalho de Dowty, que encara os papéis temáticos como protótipos, devido à uma natureza “fuzzy” dos mesmos, a diferença apresentada

por Cançado é a de lidar com noções discretas – as propriedades semânticas, de que tratamos a seguir.

Cançado adota a concepção dos papéis temáticos proposta por Dowty (1989, 1991), que, buscando evidenciar o conteúdo semântico dos papéis temáticos, os define como um grupo de propriedades lexicalmente acarretadas⁵ a um argumento de um predicador. Adjetivos e preposições podem ser itens predicadores (adiante, veremos que até expressões podem ser predicadores), mas tratemos agora dos predicadores por excelência – os verbos. Para uma proposição do tipo $[x V y]$, em que x e y são argumentos do verbo V , há duas famílias de acarretamentos lexicais atribuídas a x e y , as quais chamamos de $P_n(x)$ e $P_n(y)$. Por exemplo, para o verbo *engavetar*, apenas por saber que x *engavetar* y é verdade, sabemos que são verdadeiras as seguintes propriedades de $P_n(x)$:

- a) desencadeia o processo;
- b) tem intenção de fazê-lo;
- c) é, conseqüentemente, animado;
- d) é humano, etc.

O papel temático do argumento x é, portanto, um grupo de propriedades semânticas lexicalmente acarretadas a partir da sua relação com o predicador, que, nesse caso, é um verbo. Os papéis foram decompostos em propriedades, não sendo mais os primitivos teóricos da análise gramatical. Os primitivos, ou noções substantivas, são as propriedades semânticas.

A partir dessas propriedades semânticas acarretadas pelos verbos, Dowty postula dois grandes proto-papéis: o proto-agente e o proto-paciente. A cada proto-papel é associada uma lista de propriedades específicas. Dependendo do número de propriedades atribuídas a um determinado argumento na sua relação de acarretamento com o verbo, este vai se inserir em um ou outro proto-papel. É nesse ponto que a proposta de Cançado toma outra direção, pois a autora não lida com papéis temáticos prototípicos, mas apenas com as propriedades, ou acarretamentos, que os compõem.

Há ainda outra noção importante presente na proposta de Cançado: a noção estendida da composicionalidade na atribuição de papel temático, formulada por Franchi (1997). Para o autor, não apenas itens simples (como verbos, adjetivos e preposições) e SVs são predicadores.

⁵ Apesar de acarretamento se tratar originalmente de uma relação entre sentenças, Dowty estende a noção à relação entre itens lexicais.

Também existem predicados complexos, formados por vários sintagmas e até adjuntos. Assim, diferentes papéis temáticos são atribuídos conforme as diferentes composições lexicais. Um adjunto, por exemplo, em composição com outros sintagmas é capaz de modificar o papel temático atribuído a um argumento externo:

- (1) O menino quebrou o copo por maldade.
- (2) O menino quebrou o copo com o esbarrão que levou.

Em (1), o argumento expresso em *o menino* é um agente; já em (2), é uma causa. Note-se que as sentenças são idênticas, a não ser pelos adjuntos, que atribuem a propriedade do controle ou intencionalidade ao argumento externo em (1), mas não em (2). Assim, se assumimos papel temático como o grupo de propriedades acarretadas ao argumento *o menino* pelos predicadores complexos em (1) – *quebrou o copo por maldade* –, e em (2) – *quebrou o copo com o tombo que levou* –, então *o menino* recebe diferentes papéis nas sentenças (1) e (2). Veja que, com essa proposta, eliminamos uma questão problemática quando se assume que somente o verbo *quebrar* ou mesmo o SV *quebrar o copo* atribui papel temático. Para os exemplos acima, em propostas que não assumem esse tipo de composição proposta por Franchi, teríamos de ter duas entradas lexicais para o item *quebrar* – uma atribuindo o papel de causa, outra atribuindo o papel de agente a seu argumento externo. Entretanto, assumindo a composição de sintagmas como predicadores atribuidores de papel temático, eliminamos esse problema. Lembramos que são as propriedades, não os papéis, os primitivos teóricos. Assim, a entrada lexical de *quebrar* contém propriedades essenciais associadas a seus argumentos, as quais se combinam com outras propriedades acarretadas na composição da sentença, podendo, por isso, serem atribuídos diferentes papéis temáticos devido às diferentes composições sentenciais.

Esse tipo de procedimento composicional, no entanto, só é possível se houver compatibilidade. Por exemplo, o verbo *beijar* acarreta lexicalmente o controle para seu argumento externo; isso o leva a ser incompatível com qualquer composição sentencial que anule esse controle. Por isso, a sentença (3) abaixo, composta com um adjunto que anula o controle ao argumento externo, é anômala:

- (3) ?O João beijou a Maria com o esbarrão que levou.

Apesar de o foco deste trabalho serem as grades temáticas básicas dos verbos recíprocos (sem a análise das compatibilidades lexicais), a noção de composicionalidade, juntamente com a de acarretamento lexical, é essencial para se entender a proposta de Cançado.

Papéis temáticos são, pois, noções derivadas, e a ausência ou presença de uma propriedade é suficiente para distinguir dois papéis. Essa é a flexibilidade da proposta, que resolve problemas teóricos apresentados por dados como as sentenças de dupla causação do PB coloquial:

(4) Os pais casaram a filha este ano.

Propostas que vêem papéis como primitivos teriam que propor uma atribuição em que dois argumentos diferentes recebem um mesmo papel temático – tanto *os pais* quanto *a filha* seriam agentes (ambos os argumentos seriam causadores da ação descrita na sentença), o que contraria o princípio amplamente aceito do Critério Theta⁶. Na proposta de Cançado, o argumento *os pais* teria a propriedade de ser um desencadeador, combinada com a propriedade de ter controle (dentre outras propriedades), ao passo que *a filha* teria a propriedade de ser desencadeador do processo (dentre outras), mas não a de ter controle. Portanto, dois grupos de propriedades, dois papéis temáticos.

Em resumo, apresenta-se a seguinte definição:

O papel temático de um argumento, ou seja, a função semântica que determinado argumento exerce em uma sentença é definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a esse argumento a partir das relações de acarretamento estabelecidas por toda a proposição em que esse argumento encontra-se. (CANÇADO, 2005a, p. 28).

2.3 Propriedades semânticas

Como Dowty (1991) observa, se assumimos o papel temático como um grupo de acarretamentos lexicais, como mostramos acima, aparece um problema. Ao argumento externo de *gritar*, por exemplo, são acarretadas, dentre $P_n(x)$, as propriedades *ter boca* e *não ser mudo*. Chamemo-las de $P_1(x)$ e $P_2(x)$, respectivamente. Essas propriedades podem ser úteis para

⁶ O Critério Theta, neste trabalho, é assumido como um princípio geral de estruturação de sentenças gramaticais e não uma noção restrita à linhagem gerativista dos estudos lingüísticos.

questões descritivas bem específicas. Por exemplo, $P_1(x)$ distingue semanticamente o verbo *gritar* do verbo *chorar*, e $P_2(x)$ distingue *gritar* de *falar*. No entanto, essas são propriedades muito particulares de um predicador, não tendo abrangência descritiva e tampouco relevância gramatical no PB (pois não há relação entre a propriedade de *ter boca* e alguma propriedade sintática⁷).

Assim, a partir de um exame refinado das propriedades acarretadas aos argumentos de centenas de verbos⁸, Cançado percebeu uma recorrência de quatro propriedades semânticas, as quais parecem suficientemente abrangentes para descrever e analisar grande parte dos verbos do português brasileiro, além de servirem também para uma reformulação da Hierarquia Temática. São elas: *ser um desencadeador de um processo*, *ser um afetado por esse processo*, *ser ou estar em um determinado estado* e *ter controle sobre o desencadeamento, o processo ou o estado*, às quais se faz referência apenas como Desencadeador, Afetado, Estativo e Controle (ou ainda D, A, E e C). Caracterizemo-las a seguir.

2.3.1 Desencadeador, Afetado e Estativo

A propriedade de Desencadeador se relaciona à categoria semântica dos verbos acionais ou causais. Um argumento x recebe a propriedade de Desencadeador quando a proposição acarreta necessariamente que x tem papel no desenrolar do processo. Se isso for acarretado a x , dentre os inúmeros acarretamentos de $P_n(x)$, então podemos dizer que esse argumento é Desencadeador nessa proposição. Tomemos um exemplo:

(5) João encostou na escultura.

A proposição em (5) acarreta ao argumento *João* que ele tem papel no desenrolar da ação de *encostar*. Ou, em termos mais formais, para se demonstrar a ferramenta do acarretamento lexical, se é verdade o evento em que *João encostou na escultura*, é necessariamente verdade que *João* teve um papel no desenrolar desse evento.

⁷ Essa propriedade, por outro lado, pode ser relevante gramaticalmente em uma outra língua. Os primitivos semânticos relevantes para a estruturação sintática podem variar de cultura a cultura (CANÇADO, 2005a).

⁸ Ver essas análises em www.letras.ufmg.br/letras/nupes.

Já a propriedade de Afetado tem relação com o grupo dos verbos processuais. Um argumento x é o Afetado quando a proposição acarreta necessariamente que x muda de um estado A para um estado B. Por exemplo:

(6) João caiu.

Se é verdadeira a proposição *João caiu*, então é necessariamente verdade que *João* passou de um estado A para um estado B, dentre outras inúmeras propriedades que podem ser acarretadas em $P_n(\text{João})$.

A propriedade de Estativo está associada a argumentos de verbos que descrevem estados, mas também pode ser acarretada a um dos argumentos de verbos acionais ou processuais (como o argumento *um livro* em *João leu um livro*). Se uma proposição acarretar a x , dentre as propriedades de $P_n(x)$, que o argumento não tem suas propriedades alteradas durante um intervalo de tempo t , então x tem a propriedade de Estativo. Ou seja, em qualquer intervalo de tempo em que se dá a eventualidade descrita, x permanece com as mesmas propriedades. O seu estado em um tempo 1 é igual ao seu estado em um tempo 2, de maneira que $e^{t1} = e^{t2} = e^{t3} = \dots = e^{tf}$. Por exemplo:

(7) João gosta de banana.

Se é verdadeira a proposição em (7), então o argumento *João* não teve suas propriedades alteradas em nenhum intervalo de tempo t da eventualidade de *gostar*, sendo, portanto, atribuída a este argumento a propriedade de Estativo.

2.3.2 A composição com o Controle

Temos, enfim, a propriedade de Controle, que nunca ocorre sozinha, mas sempre em combinação com uma das três propriedades acima. Normalmente associada à noção de agentividade, Cançado (2005a) argumenta que essa propriedade é compatível não apenas com o Desencadeador, mas também com o Afetado e o Estativo, sendo definida como a capacidade de

interromper um processo ou um estado e de poder ou não iniciar uma ação. Vejamos exemplos dessas três combinações:

(8) João carregou Maria em seus braços.

Se a proposição em (8) é verdadeira, é verdade que *João* tem papel no desenrolar do processo, recebendo a propriedade de Desencadeador. É também verdade que *João* tem a capacidade de iniciar ou não a ação de *carregar*. Essa capacidade, acarretada lexicalmente pelo verbo *carregar* ao argumento *João*, indica haver uma propriedade de Controle atribuída a esse argumento. Assim, dentre as propriedades $P_n(\text{João})$, há a propriedade de Desencadeador, combinada com a propriedade de Controle.

Note-se que nem sempre o Desencadeador vem associado ao Controle, não devendo, por isso, ser confundido com a noção de Agente, que é sempre ligada ao controle ou intencionalidade. No exemplo em (5) acima, por exemplo, temos uma proposição que não acarreta necessariamente controle ao Desencadeador, pois, se é verdade que *João encostou na escultura*, não é necessariamente verdade que ele teve a capacidade de iniciar ou não a ação. Por isso, essa sentença aceita bem um adjunto como *com o esbarrão que levou*, que, em composição com o resto da sentença, anula a possibilidade de Controle para o Desencadeador. Mas uma sentença como (8) ficaria anômala se composta com esse adjunto:

(9) João encostou na escultura com o esbarrão que levou.

(10) ?João carregou Maria em seus braços com o esbarrão que levou.

A associação do Controle ao Desencadeador, portanto, é definida pela capacidade de iniciar ou não uma ação. Quando combinado com o Afetado, o Controle se define pela capacidade de interromper um processo. Assim, em (11), a proposição acarreta necessariamente a *Breno* uma mudança de um estado A para um estado B, o que confirma a presença do Afetado:

(11) Breno recebeu um presente de Heloísa.

Mas também acarreta a esse argumento a capacidade de interromper o processo de *receber um presente*, isto é, de interromper o ponto final desse evento, não o ponto inicial, de desencadeamento. São acarretadas, portanto, dentre outras propriedades de $P_n(Breno)$, ambas as propriedades de Afetado e de Controle.

Na combinação com a propriedade Estativo, o Controle é a capacidade de interromper um estado, acarretada a um certo argumento. Por exemplo:

(12) Breno concorda com Heloísa.

A proposição acarreta necessariamente a *Breno* que suas propriedades não se alteram em nenhum intervalo de tempo t da eventualidade descrita. Também acarreta, necessariamente, que *Breno* tem a capacidade de interromper esse estado. Assim, dentre as propriedades de $P_n(Breno)$, estão as propriedades Estativo e Controle.

A propriedade de Controle é, pois, definida como a capacidade de iniciar ou não uma ação, para o Desencadeador, de interromper um processo, para o Afetado, e de interromper um estado, para o Estativo.

2.3.3 Outras composições

A flexibilidade da proposta de Cançado permite também que as quatro propriedades se combinem entre si de diferentes formas ou que se combinem com outras propriedades temáticas relevantes para a descrição e/ou análise de fenômenos específicos. Tomemos alguns exemplos. As propriedades Desencadeador e Afetado podem se combinar:

(13) O carro trombou com o poste.

A proposição em (13) acarreta necessariamente desencadeamento e afetação ao argumento *o carro*. Nota-se da seguinte forma essa composição: D/A. Já o Controle não é necessariamente acarretado. Mas vejamos (14) abaixo:

(14) João se associou ao clube.

Há, em $P_n(\text{João})$, ambas as propriedades de Desencadeador e de Afetado, aqui compostas também com Controle, notando-se D/C/A. Diferentemente, o Estativo, por definição, não pode se compor nem com D nem com A, apenas com Controle, como demonstramos.

É possível que a análise de um certo fenômeno deva se valer de alguma outra propriedade além de D, A, E e C. Moreira (2000), por exemplo, testa uma série de propriedades temáticas mais específicas (como valor, qualidade, locativo, alvo, origem, dentre outras) em composição com a propriedade Estativo, de modo a formular uma pequena hierarquia temática restrita a sentenças que denotam apenas estados.

É esse também o caso da alternância chamada de ergativa cindida, apresentada por Ciríaco (2007) e desenvolvida por Cançado (2007). Trata-se de uma construção com as mesmas restrições da alternância causativo-ergativa, mas que também é restringida por propriedades temáticas mais específicas: ser possuído e ser possuidor. Assim:

- (15) a. O menino quebrou o ponteiro do relógio. (construção causativa)
- b. O ponteiro do relógio quebrou. (construção ergativa canônica)
- b. O relógio quebrou o ponteiro. (construção ergativa cindida)
- (16) a. O menino quebrou o ponteiro de metal. (construção causativa)
- b. O ponteiro de metal quebrou. (construção ergativa canônica)
- c. *O metal quebrou o ponteiro. (construção ergativa cindida)

Veja que as construções (15a) e (16a) são praticamente idênticas e que o verbo *quebrar* obedece às restrições para a ergativa canônica, podendo formar sentenças como (15b) e (16b), nas quais o argumento interno Afetado é alçado para a posição de sujeito. Mas, para a formação da ergativa cindida, na qual apenas parte do SN complexo em posição de objeto é alçado para a posição de sujeito, é necessário que esse SN complexo traduza uma relação de possuído/possuidor, como em *o ponteiro do relógio*, e não uma outra relação, do tipo objeto/material como em *o ponteiro de metal*.

Há, pois, além das quatro propriedades temáticas abrangentes, combinações mais específicas para se analisar certos fenômenos.

2.4 A estrutura argumental

Seguindo a tradição dos estudos lógicos, assume-se, neste trabalho, que a estrutura argumental de um item predicador contém o número de argumentos que esse predicador toma para ter seu sentido saturado. Ainda, seguindo os estudos da gramática de casos, gramática de valências, entre outras perspectivas teóricas, incluímos na estrutura argumental de um item predicador a qualidade da relação semântica estabelecida entre esse predicador e seus argumentos, ou, em outros termos, o papel temático dos argumentos. Pela proposta de Cançado (2005a), as informações temáticas da estrutura argumental especificam não os papéis como agente ou paciente, mas as propriedades temáticas, pois são essas as primitivas semânticas. Por exemplo, a estrutura argumental do verbo *quebrar* indica que esse predicado é saturado por dois argumentos, aos quais necessariamente acarreta as propriedades de Desencadeador e de Afetado. A notação dessa estrutura é feita da seguinte forma:

(17) QUEBRAR: {D, A}

As chaves servem para notar as estruturas argumentais, e o que está dentro delas são propriedades temáticas apenas dos argumentos do predicador, não dos seus possíveis adjuntos⁹. A vírgula separa um argumento de outro e uma barra inclinada pode ser usada para notar mais de uma propriedade acarretada a um mesmo argumento. É o caso do verbo *trombar*, que, como vimos em (13), acarreta tanto Desencadeador quanto Afetado a um de seus argumentos, de forma que notamos esse papel temático como D/A.

Postula-se que a estrutura argumental também contém as compatibilidades lexicais do item predicador. O verbo *quebrar*, como já mostramos em (1) e (2), não acarreta necessariamente Controle ao Desencadeador, mas é compatível com este. Então, sua estrutura pode ser notada assim:

(18) QUEBRAR: {D/(C), A}

⁹ Em português, um verbo predicador pode ter até quatro argumentos. É o caso de *comprar*, que acarreta, descritivamente, um agente, um tema, uma fonte e um valor.

Nota-se, entre parênteses, uma propriedade que não é necessariamente acarretada, mas que é necessariamente compatível.

Além das quatro propriedades D, A, E e C, há inúmeras outras propriedades que podem se fazer presentes na estrutura argumental de cada verbo (i.e., que são necessariamente acarretadas aos argumentos do predicador). Como vimos, o estudo dessas outras propriedades pode se fazer relevante para a análise de fenômenos específicos. Assim, pode-se acrescentar alguma propriedade na notação da estrutura argumental dos itens, de maneira a especificar alguma informação relevante em certa análise.

3 OS VERBOS RECÍPROCOS COMO UMA CLASSE VERBAL GRAMATICAL

Como revisamos no capítulo 1, a literatura atual, em geral, trata de mecanismos de reciprocidade em sentenças com verbos não-recíprocos. Apenas em um ou outro trabalho (DIXON, 1992; SILONI, 2001, 2007), menciona-se a existência de verbos lexicalmente recíprocos. Vimos que há um trabalho especificamente sobre esses verbos, mas para a língua francesa (BORILLO, 1971). A sua perspectiva teórica é mais antiga e bastante divergente da perspectiva aqui adotada. Vimos também que há uma aplicação do referido trabalho para o português (FONSECA, 1984), que lista exemplos nessa língua, mas não oferece uma análise própria.

Portanto, de maneira geral, podemos dizer que o fenômeno dos verbos lexicalmente recíprocos ainda é inexplorado, principalmente para o PB. Assim, na análise empírica desses verbos que fazemos neste capítulo, é necessário começar pela definição do que chamamos de verbo recíproco.

3.1 O que são os verbos recíprocos

Os verbos recíprocos são um conjunto de verbos que apresentam uma relação sistemática entre um traço do seu significado – a reciprocidade – e uma dupla ocorrência sintática:

- (1) a. João e Maria flertaram.
 b. João flertou com Maria.

A sentença em (1a) é um exemplo do que assumimos como a forma simples dos verbos recíprocos, e a sentença em (1b) é um exemplo do que chamamos de forma descontínua dos mesmos.

3.1.1 As formas simples e descontínua

Na forma simples, os participantes do evento recíproco estão descritos em um só argumento. No exemplo em (1a), esse argumento é *João e Maria*, que ocupa a posição de sujeito. Portanto, devemos aqui atentar para uma distinção importante neste trabalho: a diferença entre os participantes do evento no mundo, denotados pelos argumentos das sentenças, e os argumentos em si, que ocupam certas posições na sentença. Ou seja, a distinção entre denotação (ou extensão) e expressão lingüística, ou entre mundo e língua. O argumento-sujeito na forma simples deve sempre ter uma denotação plural. Isso significa que ele deve apontar um conjunto de participantes no mundo, ainda que o SN na sentença seja morfossintaticamente singular:

- (2) O casal flertou.
- (3) *João flertou.
- (4) Eles flertaram.

Em (2), o argumento *o casal* denota uma pluralidade de participantes no mundo, mesmo sendo singular a sua expressão morfossintática. Mas o argumento *João* em (3) tem uma denotação singular, por isso a sentença é agramatical. A forma simples dos verbos recíprocos deve ter um argumento de denotação plural, podendo ser um SN plural, como em (4), um SN composto de nomes coordenados, como em (1a), e até um SN singular de denotação coletiva, como em (2), mas não um SN singular de denotação também singular, como em (3).

Observemos agora a forma descontínua, como em (1b). Os participantes do evento são descritos por dois argumentos – um ocupando uma posição estrutural na sentença e o outro introduzido por uma preposição. No exemplo em (1b), trata-se, respectivamente, dos argumentos *João*, que ocupa a posição de sujeito, e *Maria*, que é introduzido pela preposição *com*, recorrente nas formas descontínuas dos verbos recíprocos. Aqui, não há exigência quanto à denotação dos argumentos. Os participantes denotados podem ser singulares ou plurais nos dois argumentos da forma descontínua. Em (1b), ambos os argumentos denotam um só participante. Em (5), abaixo, ambos denotam uma pluralidade de participantes:

- (5) Os rapazes flertaram com as garotas.

3.1.2 Identificando um verbo recíproco

Explicitamos acima as duas formas que os verbos recíprocos podem apresentar: a simples, como em (1a), (2) e (4) e a descontínua, como em (1b) e (5). No entanto, para delimitar o conjunto dos verbos recíprocos, não basta dizer que esses verbos são aqueles que ocorrem em ambas as formas. Há outros verbos que podem ocorrer em construções formalmente análogas:

(6) João e Maria jantaram.

(7) João jantou com Maria.

Apesar de *jantar* poder formar uma construção similar à simples, como em (6), e também uma similar à descontínua, como em (7), não é um verbo recíproco como *flertar*. Deste modo, faz-se necessário encontrar uma definição para os verbos recíprocos que exclua casos não pertencentes a essa classe. Usaremos como instrumento de definição o acarretamento entre sentenças.

O acarretamento é uma noção lógica aplicada ao estudo do significado nas línguas naturais e traduz uma relação entre sentenças. Se a informação de uma sentença (b) está contida na informação de uma sentença (a), ou, dizendo de outro modo, se a sentença (b) é necessariamente verdadeira apenas por saber que (a) é verdade, então, dizemos que (a) acarreta (b). Por exemplo, se é verdade que *João e Maria flertaram*, é necessariamente verdade que *João flertou com Maria* e que *Maria flertou com João*. Utilizando a noção de acarretamento dessa maneira, assumiremos que o verbo é recíproco se, na sua forma simples, acarreta sentenças descontínuas.

Tomemos como exemplo o verbo *jantar*. Se é verdade que *João e Maria jantaram*, é necessariamente verdade que *João jantou com Maria* e/ou que *Maria jantou com João*? Não. Assim, *jantar* não é um verbo recíproco. A sentença *João e Maria jantaram*, na verdade, acarreta que *João jantou* e que *Maria jantou*, podendo, por exemplo, descrever uma situação em que essas pessoas jantaram, em lugares e momentos diferentes, sem sequer terem se encontrado. Desse modo, uma construção que se equipara formalmente à construção simples dos verbos recíprocos (em que há um argumento de denotação plural), com verbos não-recíprocos como *jantar*, descreve ou uma soma de participantes em um determinado evento ou uma soma de eventos, mas não uma relação de reciprocidade entre os participantes. Ou há um evento de *jantar* no qual há

dois participantes, *João e Maria*, ou há dois eventos de *jantar*, havendo um participante em cada. Uma construção similar à simples, com verbos não-recíprocos é, pois, cumulativa, podendo ambigualmente descrever um ou dois eventos, diferentemente da forma simples dos verbos recíprocos, que descreve sempre um único evento.

Testemos, a título de exemplificação, os verbos *brigar* e *passear*. As sentenças (a) são construções simples e as sentenças (b) e (c) são os acarretamentos das sentenças (a):

- (8) a. João e Maria brigaram.
- b. João brigou com Maria.
- c. Maria brigou com João.
- (9) a. João e Maria passearam.
- b. João passeou.
- c. Maria passeou.

Brigar, em sua forma simples, acarreta sentenças descontínuas, mas *passear*, não. Portanto, apenas *brigar* é um verbo recíproco. É possível que a sentença em (9a) descreva um evento que também pode ser descrito como *João passeou com Maria*. Mas essa construção não é acarretada pela construção em (9a).

3.1.3 Verbos recíprocos apresentam diferentes transitividades

O mesmo teste se aplica a verbos transitivos como *juntar*, cujos participantes recíprocos são denotados não pelo argumento externo (na forma simples), mas pelo complemento verbal:

- (10) a. João juntou o leite e a farinha.
- b. João juntou o leite com a farinha.
- c. João juntou a farinha com o leite.

A forma simples de *juntar*, em (10a), difere-se da forma simples de verbos como *brigar*, como em (8a), por alguns pontos: 1) apresentar um complemento verbal (*o leite e a farinha*) e 2) denotar os participantes da reciprocidade nesse complemento, e não no argumento externo, ou

seja, o argumento de denotação plural na forma simples de *juntar* não está no sujeito do verbo, mas no objeto. No entanto, a construção (10a) acarreta as sentenças descontínuas em (10b) e (10c). *Juntar* é, portanto, um verbo recíproco, pelo mesmo motivo que *brigar* o é. Veja também que a sentença simples com esse verbo é agramatical se o argumento interno tiver denotação singular:

(11) *João juntou o leite.

Comparem-se os exemplos acima com (12), com o verbo *pegar*:

- (12) a. João pegou o leite e a farinha.
 b. João pegou o leite.
 c. João pegou a farinha.

Pegar, se construído com um argumento de denotação plural em posição de complemento, como em (12a), não acarreta sentenças descontínuas com um terceiro argumento preposicionado. Os acarretamentos em (12b) e (12c) demonstram que a sentença (12a) denota uma soma de eventos ou de participantes (ou dois eventos de pegar realizados por João, nos quais João pega ora um, ora outro objeto, ou apenas um evento, no qual João pega os dois objetos simultaneamente), mas não uma relação de reciprocidade entre os participantes. Não se trata, por isso, de um verbo recíproco.

Talvez a transitividade mais estudada dos verbos recíprocos seja como a dos verbos *flertar* e *brigar*, em que os participantes do evento recíproco são denotados, na forma simples, pelo argumento externo. Poucos trabalhos (BORILLO, 1971; SILONI, 2001, 2007) registram a ocorrência de verbos como *juntar*, que denotam reciprocidade no argumento interno. No entanto, esses verbos são bastante numerosos em PB. O mesmo é observado por Borillo (1971) para o francês. Fonseca (1984) discorda que esses verbos integrem a classe dos verbos recíprocos, sem, no entanto, apresentar uma argumentação consistente para isso. O autor diz que essa extensão da noção de simetria (entendida aqui como reciprocidade) é “excessiva” e “sem relevância e utilidade” (p. 395).

Neste trabalho, fica claro que a noção de reciprocidade deve ser estendida a verbos como *juntar*, pois eles aceitam o teste proposto, acarretando sentenças descontínuas a partir de uma sentença simples. O teste é apenas um diagnóstico de que *juntar*, assim como *brigar*, relaciona uma propriedade do seu sentido – a reciprocidade – com uma manifestação sintática – a dupla ocorrência de construções: simples e descontínua. Qualquer que seja a transitividade, um verbo recíproco apresenta uma forma simples, em que os participantes da reciprocidade são denotados por um argumento (o externo, em verbos como *brigar*, e o interno, em verbos como *juntar*), e uma descontínua, em que os participantes são denotados separadamente por dois argumentos, um deles introduzido na sintaxe por preposição. Os verbos não-recíprocos podem eventualmente formar construções formalmente similares às construções simples ou descontínuas dos verbos recíprocos, como em (6), (7), (9a) e (12a). No entanto, os verbos lexicalmente recíprocos apresentam necessariamente as duas formas.

3.2 Descrição das transitividades dos verbos recíprocos

Analizamos, neste trabalho, 126 verbos recíprocos no PB, que selecionamos como aqueles com os quais lidamos com mais intuição dentre os cerca de 200 existentes na língua¹⁰ (identificados por meio do teste proposto). A fim de mostrar a extensão da classe dos verbos recíprocos e as diferentes transitividades que podem assumir, apresentamos a seguinte descrição.

3.2.1 Verbos recíprocos intransitivos (*brigar*)

Nesse grupo, os verbos são intransitivos em sua forma simples, como *brigar* em (8a). Outros exemplos de verbos desse grupo nas suas formas simples e descontínua:

- (13) a. João e Maria brindaram.
b. João brindou com Maria.
- (14) a. O casal convive bem.
b. João convive bem com Maria.

¹⁰ Exemplos de dois verbos excluídos da análise por falta de intuição: *querelar* (*João e Maria querelaram; João querelou com Maria*) e *esgrimar* (*João e Pedro esgrimaram; João esgrimou com Pedro*).

- (15) a. Esses versos rimam.
b. Esse verso rima com o aquele outro.
- (16) a. Essas cores combinam.
b. Preto combina com cinza.
- (17) a. Os deputados confabularam.
b. O deputado confabulou com o colega
- (18) a. O grupo confraternizou na festa.
b. Ele confraternizou com os colegas na festa.
- (19) a. Nossas idéias divergem muito.
b. As minhas idéias divergem das suas¹¹.
- (20) a. A Heloísa e o Breno conversam bastante.
b. Heloísa conversa bastante com Breno.
- (21) a. Os times empataram.
b. O time feminino empatou com o masculino.
- (22) a. Heloísa e as amigas fofocaram.
b. Heloísa fofocou com as amigas.
- (23) a. Os namorados reataram.
b. Rita reatou com Renato.
- (24) a. Pelé e Garrincha tabelaram.
b. Pelé tabelou com o Garrincha.
- (25) a. O casal transou.
b. João transou com Maria.

Reforçamos que se trata mesmo de verbos recíprocos, pois aceitam o teste proposto, no qual as formas simples acarretam formas descontínuas:

- (26) a. João e Maria brindaram.

¹¹ O evento descrito por *divergir* é uma relação de reciprocidade, ainda que em uma direção inversa à relação descrita pela maioria dos verbos recíprocos, como *convergir*. A preposição usada na forma descontínua é *de*, e não *com*. O teste do acarretamento comprova que se trata mesmo de um verbo recíproco: se *As nossas idéias divergem*, então *A minha idéia diverge da sua* e *A sua idéia diverge da minha*. Há outros verbos recíprocos que utilizam a preposição *de*, denotando reciprocidade divergente, como *discordar* e *separar* e há também um pequeno número de verbos que utilizam a preposição *a* na forma descontínua, como *equivaler*. Consulte-se o *corpus* para mais exemplos.

- b. João brindou com Maria.
- c. Maria brindou com João

Os verbos deste grupo somam 53 e são intransitivos, tomando como ponto de referência a forma simples dos mesmos, a qual descrevemos como $[x V]$, em que x é o argumento de denotação plural e V é o verbo recíproco. Já a forma descontínua pode ser descrita como $[x V P z]$, em que P é uma preposição e x e z são os argumentos que denotam os participantes separadamente.

3.2.2 Verbos recíprocos transitivos (*negociar e juntar*)

Neste segundo grupo, os verbos recíprocos são transitivos em sua forma simples e, na forma descontínua, há um terceiro argumento preposicionado:

- (27) a. A Joana e o pai negociaram o carro.
- b. A Joana negociou o carro com o pai.
- (28) a. João juntou os ingredientes / o leite e a farinha
- b. João juntou o leite com a farinha.

Tanto *negociar* quanto *juntar* têm a forma simples $[x V y]$ e a descontínua $[x V y P z]$, em que x é o argumento externo, y é o argumento interno-complemento e z é o argumento em posição de adjunção introduzido pela preposição P . No entanto, há uma diferença crucial nas diáteses dos dois verbos. *Negociar*, na forma simples, estabelece reciprocidade entre os participantes denotados no argumento externo, isto é, em x (o argumento *A Joana e o pai*, em (27a)). Já *juntar*, na forma simples, denota os participantes recíprocos em y , no argumento interno (*os ingredientes*, em (28a)). Assim, apesar de z denotar sempre um dos participantes da reciprocidade, a denotação desse argumento se relaciona com a do argumento x , na forma descontínua de verbos como *negociar* (*a Joana com o pai*), e com a do argumento y , na forma descontínua de verbos como *juntar* (*o leite com a farinha*).

Devido a essa diferença, apresentamos os exemplos separadamente.

3.2.2.1 Verbos transitivos que denotam reciprocidade no argumento externo (*negociar*)

Neste pequeno grupo de 12 verbos, os participantes do evento recíproco são descritos, na forma simples, pelo argumento externo:

- (29) a. Heloísa e a orientadora discutiram os resultados.
b. Heloísa discutiu os resultados com a orientadora.
- (30) a. Galvão e Falcão comentaram a partida.
b. Galvão comentou a partida com Falcão.
- (31) a. Os irmãos compartilham o beliche.
b. Pedrinho compartilha o beliche com o irmão.
- (32) a. As meninas jogam futebol nas segundas.
b. Maria joga futebol com Ana e Renata nas segundas.

Observe-se, pelo teste proposto para a identificação dos verbos recíprocos, que os verbos acima se encaixam nessa classe:

- (33) a. Galvão e Falcão comentaram a partida.
b. Galvão comentou a partida com Falcão.
c. Falcão comentou a partida com Galvão.¹²

3.2.2.2 Verbos transitivos que denotam reciprocidade no argumento interno (*juntar*)

Este grupo, mais numeroso (61 verbos), tem os participantes do evento recíproco denotados no argumento interno, na forma simples dos verbos (como *juntar*, em (28a)). Na descontínua, há um terceiro argumento preposicionado:

¹² Para alguns falantes, esse verbo também apresenta uma leitura de não-reciprocidade entre os participantes (Galvão e Falcão, separadamente, diriam algo sobre a partida, sem necessariamente o dizerem um para o outro). Nessa leitura, as sentenças (33b) e (33c) não seriam acarretamentos de (33a). Pensamos tratar-se aqui de um caso de polissemia, na qual *negociar* teria duas acepções: a de reciprocidade, havendo acarretamento de sentenças descontínuas a partir de uma sentença simples, e a de não-reciprocidade, não havendo esse tipo de acarretamento. A mesma polissemia foi percebida para *negociar*, em (27), *discutir*, em (29) e *jogar*, em (32).

- (34) a. Maria afastou os móveis / a cadeira e a mesa.
b. Maria afastou a cadeira da mesa.
- (35) a. A guerra aliou os dois países.
b. A guerra aliou a Inglaterra com a França.
- (36) a. Heloísa confunde os dois nomes.
b. Heloísa confunde Carol com Patrícia.
- (37) a. João desconectou os fios.
b. João desconectou um fio do outro.
- (38) a. Ela embaralhou as cartas.
b. Ela embaralhou as manilhas com as cartas sem valor.
- (39) a. O ourives fundiu o ouro e a prata.
b. O ourives fundiu o ouro com a prata.
- (40) a. Eu misturei café e sorvete.
b. Eu misturei café com sorvete.
- (41) a. O evento reuniu as pessoas.
b. O evento reuniu os jovens com os idosos.
- (42) a. Breno separou a gema e a clara.
b. Breno separou a gema da clara

Constata-se que esses verbos são de fato de verbos recíprocos, pois as formas simples acarretam formas descontínuas:

- (43) a. O ourives fundiu o ouro e a prata.
b. O ourives fundiu o ouro com a prata.
c. O ourives fundiu a prata com o ouro.

3.2.3 Construções reduzidas intransitivas (*juntar-se*)

Os verbos que acarretam reciprocidade no argumento interno apresentam uma particularidade: podem formar construções reduzidas intransitivas, que contam com um argumento a menos e com o clítico *se*. Mesmo nessa versão reduzida, os verbos podem aparecer

na forma simples ou na descontínua. Exemplos das formas simples e descontínua de *juntar* e alguns dos verbos em (34)-(42), em versão reduzida:

- (44) a. Os meninos se juntaram no pátio.
b. Pedrinho se juntou a Paulinho e Diego no pátio.
- (45) a. João e Maria se afastaram.
b. João se afastou de Maria.
- (46) a. Atenienses e Espartanos se aliaram contra os persas.
b. Os Atenienses se aliaram aos Espartanos.
- (47) a. Cálcio e magnésio se fundiram.
b. O cálcio se fundiu com o magnésio.
- (48) a. A canela e o chocolate se misturaram na caneca.
b. A canela se misturou com o chocolate na caneca.
- (49) a. João e os amigos se reuniram na festa.
b. João se reuniu com os amigos na festa.
- (50) a. João e Maria se separaram.
b. Maria se separou de João.

Porque chamamos essas construções de reduzidas? Por que entendemos que elas são fruto de uma redução no número de argumentos de um verbo. A partir de uma estrutura argumental original, forma-se uma construção com um argumento a menos. Os processos que realizam essa redução argumental podem ser de dois tipos, no caso desses verbos: a alternância causativo-ergativa e a formação de construções médias.

Nos exemplos em (47) e (48), temos construções ergativas formadas a partir de verbos causativos em suas formas simples ou descontínua. A sentença em (47a) deriva de uma causativa-simples, como *Algo fundiu o cálcio e o magnésio*. E (47b) deriva de uma causativa-descontínua, como *Algo fundiu o cálcio com o magnésio*. No processo de ergativização, o argumento externo é apagado e o argumento interno é alçado para a posição de sujeito, alterando a perspectiva causal do evento para uma perspectiva processual. Assim, (47a) e (48a) são sentenças simples com a forma [y (se) V], derivadas da contraparte causativa [x V y]. E (47b) e (48b) são sentenças descontínuas com a forma [y (se) V P z], derivadas da contraparte causativa [x V y P z].

Siloni (2007) noticia o mesmo processo, chamando as construções como em (44)-(50) de “forma decausativa” do “object symmetric verb” (o que chamamos aqui de verbo que denota reciprocidade no argumento interno). No entanto, nem todas as construções acima são decausativas, ou, nos nossos termos, ergativas.

Sabe-se que o argumento-sujeito nas construções ergativas exerce a função de paciente do evento, ficando omissa a função de agente ou causa (atribuída ao argumento externo, que foi reduzido) (CIRÍACO, 2007; WHITAKER-FRANCHI, 1989). É o caso dos argumentos pacientes (*o cálcio e o magnésio, o cálcio, a canela e o chocolate e a canela*) nas sentenças (47)-(48). Mas os argumentos-sujeito das sentenças em (44)-(46) e (49)-(50) exercem no evento, de uma só vez, as funções de paciente e agente. Ou, nos termos mais específicos da proposta de Cançado (2005a), têm ambas as propriedades de Desencadeador e Afetado. Assim, não é possível tratar-se de construções ergativas, pois o argumento causa (ou agente) continua explícito na sentença. Tampouco se trata de construções reflexivas, como se poderia pensar. Veja que a paráfrase reflexiva com *si mesmo* não pode substituir o clítico nessas sentenças:

- (51) João se ama. > João ama a si mesmo.
- (52) a. João e os amigos se reuniram. > *João e os amigos reuniram (a) si mesmos.
b. João se reuniu com os amigos. > *João reuniu (a) si mesmo com os amigos.
- (53) a. João e Maria se separaram. > *João e Maria separaram (a) si mesmos.
b. Maria se separou de João. > *Maria separou (a) si mesma de João.

Em (51), temos uma construção reflexiva, que pode ser parafrazeada com *si mesmo*. Em (52) e (53), testamos a paráfrase reflexiva tanto com a forma simples quanto com a descontínua dos verbos recíprocos *reunir* e *separar*, a fim de mostrar que as construções reduzidas em (44)-(46) e (49)-(50) não são construções reflexivas. Se não são ergativas nem reflexivas, trata-se, então, de um terceiro tipo de construção com o clítico *se*, que, à semelhança da reflexiva, acumula as funções de agente e paciente no argumento-sujeito, mas desta se difere no nível interpretativo. Devido a essas peculiaridades, chamamo-la pelo nome de média¹³, por remeter à voz média

¹³ Não se confunda média com medial. A medial se assemelha à ergativa, pois seu argumento-sujeito é apenas paciente. Exemplo: *Esse salgado vende muito na lanchonete*. Entretanto, o que ocorre nessa construção, diferentemente da ergativa, é uma alteração aspectual (LEVIN, 1993).

grega, que descreve eventos nem totalmente ativos (causativos) nem totalmente passivos (processuais).

Não aprofundamos aqui o estudo da construção média, propondo, por exemplo, qual seja seu processo formador (também alçamento do argumento interno ou apagamento do mesmo?) ou quais sejam as restrições sintático-semânticas para a sua formação. No entanto, é interessante registrar esse outro tipo de construção com *se* no português, que parece ser bem produtivo dentre os verbos recíprocos do tipo de *juntar*¹⁴.

Para encerrar esta seção, vale esclarecer porque postulamos que as construções em (43)-(48) são formas derivadas, frutos de reduções argumentais na estrutura argumental original dos verbos. Ou: porque não postular uma direção inversa, na qual *juntar*, por exemplo, seja um verbo originalmente pronominal (exemplo (44)) que sofre a inserção de um argumento causa em posição de sujeito, ou causativização (exemplo (10))?

Ciríaco (2007) propõe um diagnóstico de transitividade para as alternâncias transitivo-intransitivas. É basicamente transitivo o verbo que acarreta, independentemente de estar na forma transitiva ou intransitiva, a propriedade de Desencadeador (uma das propriedades semânticas de Cançado, 2005a). Assim, o verbo *sumir*, apesar de aparecer também em uma forma transitiva-causativa como *João sumiu a chave*, é basicamente intransitivo, pois não acarreta necessariamente um desencadeamento em toda e qualquer sentença – em *A chave sumiu*, não há o acarretamento de um Desencadeador. Já um verbo como *fechar* é basicamente transitivo, pois, mesmo em uma sentença intransitiva-ergativa como *A porta fechou*, acarreta um Desencadeador (não um agente) implícito. Retornando aos nossos exemplos, temos que verbos como *fundir* e *misturar* acarretam sempre um Desencadeador, mesmo em sentenças intransitivas como (47) e (48) (as sentenças descontínuas não são propriamente intransitivas, pois têm um argumento pós-verbal, ainda que preposicionado). Assim, esses verbos são originalmente transitivos, causativos, e a forma com *se* é derivada.

Nas construções médias, o Desencadeador está sempre explícito no argumento-sujeito. Mas compartilhamos com Cançado (2005a) a idéia de que o clítico *se* é vestígio de uma alternância de diátese ocorrida com o verbo. Assim, se há uma forma causativa e outra com um argumento a menos e o clítico *se*, parece se tratar de uma alternância que deriva a segunda da

¹⁴ Consulte-se o apêndice para mais exemplos de construções reduzidas (ergativas e/ou médias) com os verbos do grupo de *juntar*.

primeira. Portanto, os verbos *juntar*, *afastar*, *aliar*, *reunir* e *separar* são basicamente transitivos-causativos e sofrem, através de algum tipo de operação, uma redução argumental, marcada com *se*, formando sentenças intransitivas-médias como (44)-(46) e (49)-(50). A operação sofrida por tais verbos pode ser a redução do argumento externo e alçamento do interno para a posição de sujeito, como no caso das ergativas. Essa forma derivada poderia, então, também ser descrita pelas fórmulas $[y (se) V]$ e $[y (se) V P z]$. Porém, é possível que a operação de formação da média seja uma redução do argumento interno, permanecendo o externo na posição de sujeito. As fórmulas que descreveriam essa forma derivada seriam $[x (se) V]$ e $[x (se) V P z]$, que indicam a ausência do argumento interno y , reduzido.

3.2.4 Síntese da descrição das transitividades

Vimos, enfim, que os verbos recíprocos integram diferentes classes de transitividades. Tomando como ponto de referência a forma simples dos verbos (e considerando a forma descontínua como a forma simples acrescida de um argumento preposicionado) e nos valendo do teste proposto para diagnosticar se de fato o verbo é recíproco, temos que:

- a) há verbos recíprocos intransitivos, de forma simples $[x V]$ (e descontínua $[x V P z]$);
- b) há verbos recíprocos transitivos, de forma simples $[x V y]$ (e descontínua $[x V y P z]$) e
- c) há construções intransitivas com o clítico *se*, derivadas de verbos recíprocos transitivos:
 - no caso das ergativas, de forma simples $[y (se) V]$ (e descontínua $[y (se) V P z]$);
 - no caso das médias, da forma $[y (se) V]$, como a das ergativas, ou da forma $[x (se) V]$ (e descontínua $[x (se) V P z]$).

Vimos ainda que, dentre os verbos transitivos, há alguns que denotam reciprocidade no argumento externo x (*negociar*), da mesma forma que os intransitivos (*brigar*), e há um grande grupo que, diferentemente, denota reciprocidade no argumento interno y (*juntar*). As construções com *se* (*juntar-se*) derivam dos verbos desse último grupo.

3.3 Considerações sobre o agrupamento dos verbos em classes gramaticais e o caso dos verbos recíprocos

Não é uma transitividade específica que reúne os verbos recíprocos em uma classe. O que esses verbos compartilham, identificando-os como um grupo, é uma outra característica sintática: o fato de cada verbo alternar sua forma sintática, ocorrendo ora em uma forma simples (um ou dois argumentos em posição estrutural – sujeito ou sujeito e objeto), ora em uma forma descontínua (um ou dois argumentos em posição estrutural mais um argumento preposicionado em posição de adjunção).

Seguindo a hipótese apresentada no capítulo 1, verbos que apresentam comportamento sintático semelhante parecem conter, em sua informação lexical, uma mesma propriedade semântica, que determina esse comportamento. Por isso, uma propriedade semântica como essa é referida como sendo relevante gramaticalmente, pois o verbo que a contiver se comportará sintaticamente de determinada maneira.

Dessa forma, não é qualquer propriedade semântica que pode ser relevante gramaticalmente. É preciso partir da observação do comportamento sintático para se encontrar um traço semântico relevante, e não o inverso. Tomemos um exemplo hipotético de um agrupamento falho, por partir do raciocínio inverso. *Gritar, beijar, beber, bocejar e assoviar* são verbos que igualmente acarretam a propriedade semântica *ter boca* a seu argumento externo. Mas essa não é uma propriedade gramaticalmente relevante no português. Apenas *beijar*, por exemplo, forma uma construção reflexiva (*João se beijou*) e apenas *beber* forma uma construção medial (*Essa cerveja bebe muito no Brasil*). *Gritar, bocejar e assoviar* são intransitivos e *beijar e beber*, transitivos. Não há um traço do comportamento sintático, morfológico, fonológico, enfim, gramatical desses verbos que lhes seja comum. Por isso, o agrupamento conforme a propriedade semântica *ter boca* não é relevante para uma investigação gramatical, ainda que possa ser relevante para outro tipo de investigação lingüística.

Em Ciríaco (2007), temos um exemplo de um agrupamento verbal por propriedades relevantes. A autora constata que os verbos transitivos que podem formar sentenças ergativas, isto é, que apresentam a propriedade sintática da alternância causativo-ergativa, acarretam sempre as mesmas propriedades semânticas de Desencadeador, para seu argumento externo, e de

Afetado, para seu argumento interno¹⁵. Desencadeador e Afetado são, portanto propriedades semânticas gramaticalmente relevantes, pois agrupam os verbos participantes da alternância causativo-ergativa.

As propriedades semânticas relevantes na alternância causativo-ergativa são de natureza temática, ou seja, os verbos que participam dessa alternância compartilham uma mesma configuração temática. Os verbos recíprocos, por outro lado, não têm uma mesma configuração temática.

Há verbos recíprocos como *brigar*, que são agentivos, isto é, acarretam as propriedades de Desencadeador e Controle a seu argumento externo (e apenas Desencadeador ao argumento *z*, quando este se faz presente numa sentença descontínua). Há também verbos como *coexistir*, que são estativos, acarretando a propriedade de Estativo a seus argumentos. Há verbos de afetação, como *colidir*, que acarretam a propriedade de Afetado a ambos os argumentos *x* e *z* (dentre outras propriedades, como veremos no próximo capítulo). Há ainda verbos psicológicos, que acarretam a propriedade de ser um experienciador a seu argumento externo, como *confundir*. E há verbos causativos, como *fundir*, acarretando a propriedade de Desencadeador ao argumento externo e a de Afetado ao argumento interno (e também ao argumento preposicionado). Assim, a propriedade semântica relacionada à propriedade sintática dos verbos recíprocos (a dupla ocorrência em construções simples e descontínuas) não pode ser de natureza temática, como é o caso dos verbos participantes da alternância causativo-ergativa. A propriedade relevante aqui pertence a outro componente do significado do verbo, e não à sua grade temática.

Essa propriedade semântica comum aos verbos recíprocos é a reciprocidade, uma relação que o verbo estabelece entre os participantes do evento que descreve, quaisquer que sejam os papéis ou funções dos participantes nesse evento e qualquer que seja o tipo de evento (acional, processual, estativo etc). Essa relação de reciprocidade parece pertencer ao componente lógico do significado do verbo recíproco. Expliquemos melhor essa idéia.

Heim, Lasnik e May (1991), em um texto fundamental para o estudo das construções recíprocas, analisam a anáfora *each other* no inglês, estendendo a análise às construções recíprocas românicas com *se*:

¹⁵ A autora inclui mais especificações na grade temática do verbo causativo que pode sofrer ergativização, mas aqui basta nos referirmos a algumas propriedades.

- (54) They like each other.
 (55) João e Maria se amam.

Note-se que são construções recíprocas a partir de verbos não-recíprocos. Os autores propõem que as anáforas *each other* e *se* sejam operadores lógico-formais que incidem sobre os predicados e seus argumentos. Esses operadores, chamados “reciprocadores” (“reciprocators”), realizam uma relação lógica entre os participantes do evento descrito pelo verbo. Williams (1991), discutindo o texto de Heim, Lasnik e May (1991), acrescenta que as línguas têm versões simples dessas estruturas formais, e cita o verbo *collide* (*colidir*), sugerindo que verbos como este têm intrínseco o operador reciprocador. Assim, a sentença com *collide* e o reciprocador *each other* é agramatical, pois redundante:

- (56) *They collided each other.

Retornando à nossa discussão, podemos então considerar a reciprocidade uma propriedade semântica pertencente a um componente lógico dos verbos recíprocos e não à sua estrutura argumental. Paralelamente à existência de *se* e *um ao outro*, operadores autônomos que formam construções recíprocas no português, parece haver um operador intrínseco aos verbos recíprocos. Esses verbos determinam lexicalmente, e não composicionalmente, uma relação de reciprocidade entre os participantes, quaisquer que sejam, no nível das relações de predicação, os tipos de eventos ou de grades temáticas.

A reciprocidade é uma propriedade semântica comum aos verbos que alternam sua diátese entre as formas simples e descontínua. É, por isso, uma propriedade semântica gramaticalmente relevante, ainda que de natureza lógica. Os verbos recíprocos constituem, portanto, uma classe verbal gramatical.

4 A ESTRUTURA ARGUMENTAL DOS VERBOS RECÍPROCOS E A ALTERNÂNCIA SIMPLES-DESCONTÍNUA

Vimos que a reciprocidade é uma propriedade gramaticalmente relevante, pois agrupa verbos que se comportam semelhantemente, alternando sua diátese entre as formas que chamamos de simples (participantes da reciprocidade denotados por um argumento) e descontínua (participantes separadamente denotados por um argumento sujeito ou objeto e um argumento preposicionado). Até aqui, sabemos que o verbo que contém em seu significado a propriedade lógica da reciprocidade apresenta essa alternância, mas ainda não tratamos das suas características. Assim, neste capítulo, mostramos uma análise semântico-lexical dessa alternância, que visa a compreender a estrutura argumental dos verbos recíprocos. Começamos abordando a relação de sentido entre as duas formas que se alternam.

4.1 Relação de sentido entre as formas simples e descontínua

Para Borillo (1971), Emonds (1976), Lakoff e Peters (1969) e Kayne (1994), as construções simples e descontínua são sinônimas:

- (1) a. Pedro e Paulo duelaram.
b. Pedro duelou com Paulo.

Esses trabalhos são sintáticos, sendo que os três primeiros tratam da sintaxe sob o ponto de vista da antiga gramática transformacional e o quarto, já no paradigma gerativista, visa atualizar a abordagem do fenômeno. A sinonímia é explicada como uma mesma estrutura profunda para as duas construções. Fillmore (1968), abordando o fenômeno do ponto de vista da semântica, também pressupõe uma sinonímia entre as formas simples e descontínua. O debate entre todos esses autores gira em torno das seguintes questões: Que construção é derivada sintaticamente da outra? Qual é o movimento ou regra sintática responsável por essa derivação?

Um problema que se deve enfrentar quando é pressuposta uma sinonímia entre as construções simples e descontínua é o da violação do Critério Theta. Se (1a) e (1b) são

sinônimas, então os papéis temáticos dos argumentos *Pedro e Paulo* na sentença descontínua em (1b) são idênticos¹⁶. Isso viola um dos postulados de Chomsky, o do Critério Theta, que diz que “cada papel temático tem que ser atribuído a um e um só argumento” (MIOTO *et al.*, 2000, p. 96). Para contornarem tal violação, os autores têm de se valer de mecanismos custosos. Lakoff e Peters (1969) e Kayne (1994), por exemplo, postulam que o argumento externo e o preposicionado, em sentenças como (1b), derivam de um mesmo sujeito profundo, cujo papel temático é dividido entre dois NPs.

Chafe (1971), Dimitriadis (2004, 2005), Dowty (1991), Ilari (1987) e Levin (1993), por outro lado, questionam essa pressuposta sinonímia, apontando exemplos curiosos como o contraste entre os pares de sentenças abaixo:

- (2) a. O carro colidiu com o caminhão.
- b. O carro e o caminhão colidiram.
- (3) a. O carro colidiu com o poste.
- b. *O carro e o poste colidiram.

A agramaticalidade de (3b) sugere que essa sentença não é sinônima da construção descontínua em (3a). Assim, (2a) e (2b) tampouco devem ser sinônimas.

Partindo da constatação de uma possível não-sinonímia entre as formas simples e descontínua, usamos a proposta de Cançado (2005a), descrita no capítulo 2, por se tratar de uma abordagem mais fina dos papéis temáticos, para investigar a questão. Observe-se a seguinte sentença descontínua com o verbo recíproco *conversar*:

- (4) João conversou com Maria.

Intuitivamente, podemos perceber uma diferença entre os papéis ou funções dos argumentos *João* e *Maria* na descrição desse evento: João parece ter mais iniciativa que Maria pelo desencadeamento da ação de conversar. No entanto, essa distinção não pode ser explicada pelas

¹⁶ Apesar de alguns autores (como LAKOFF; PETERS, 1969) dizerem que em (1a) há também dois papéis temáticos, vale ressaltar que *Pedro e Paulo* constitui um só argumento, que recebe um só papel temático. Trata-se de uma posição argumental na sentença – a de sujeito – preenchida com um SN complexo, constituído de nomes coordenados. Mas poderia ser preenchida com um SN simples como *os homens*, recebendo igualmente um só papel temático. A denotação do argumento é plural, mas se trata, na sentença, de um só argumento.

abordagens tradicionais dos papéis temáticos. Em uma teoria de papéis temáticos cujos primitivos são as noções de agente, paciente etc., só temos a possibilidade de atribuir o mesmo papel de agente a ambos os argumentos *João* e *Maria*, ferindo, assim, o Critério Theta.

Porém, se assumimos os papéis temáticos como grupos de propriedades semânticas, como na proposta de Cançado, é possível oferecer uma explicação mais adequada para o problema. A presença ou a ausência de uma propriedade será suficiente para se distinguir dois papéis. Assim, em uma sentença descontínua com *conversar*, se é verdade que x *conversou com* z , é necessariamente verdade que x tem papel no desenrolar do processo e que tem controle sobre esse processo. Então, para $P_n(x)$, temos as propriedades de Desencadeador e Controle. Para o argumento z , também é verdade que tem papel no desenrolar do processo, mas não é verdade que tem controle sobre o processo. Assim, em $P_n(z)$, temos a propriedade de Desencadeador, mas não a de Controle.

Os papéis dos argumentos x e z , portanto, são diferentes, pois são dois grupos diferentes de propriedades. Um dos grupos conta com uma propriedade a mais que o outro. Essa análise capta a intencionalidade que intuitivamente atribuímos a *João* e não a *Maria*, em uma sentença como (4). Observemos agora uma sentença simples com o mesmo verbo:

(5) Eles conversaram.

Se é verdade que x *conversaram*, é necessariamente verdade que x tem papel no desenrolar do processo e que tem controle sobre o processo, ou seja, $P_n(x) = D/C$.

Dessa forma, ao argumento externo (x) de *conversar* são sempre acarretadas as propriedades de Desencadeador e Controle, seja na forma simples ($[x V]$), seja na descontínua ($[x V P z]$). Ao argumento preposicionado (z), presente apenas na forma descontínua, é acarretada a propriedade de Desencadeador. Na forma simples, então, há apenas um papel temático (D/C) atribuído ao argumento que denota os dois participantes do evento recíproco. No evento no mundo descrito por essa forma, há dois participantes com uma mesma função. Já, na forma descontínua, há dois papéis diferentes (D/C e D) para os argumentos que denotam os dois participantes do evento. No evento no mundo descrito por essa outra forma, cada participante tem uma função distinta. A forma simples descreve, pois, um evento de reciprocidade em que os dois participantes têm a mesma função e a forma descontínua descreve um evento recíproco em que os

dois participantes têm funções diferentes. As duas construções, portanto, denotam diferentes eventos no mundo, por isso, não são sinônimas. Tomemos outro exemplo:

- (6) a. Heloísa discorda de Rafael.
 b. Heloísa e Rafael discordam.

Ainda que façamos referência aos mesmos participantes nas duas construções com *discordar*, não se pode dizer que elas descrevem o mesmo evento, isto, é que sejam sinônimas. Na sentença descontínua em (6a), há uma propriedade distintiva entre os papéis temáticos dos argumentos *Heloísa* e *Rafael*. Se x discorda de z , é necessariamente verdade que tanto x quanto z não têm suas propriedades alteradas em nenhum intervalo de tempo da eventualidade de *discordar*, ou seja, ambos os argumentos recebem a propriedade de Estativo. Também é verdade que x tem a capacidade de interromper esse estado, mas não que z tem essa capacidade. Portanto, também para *discordar*, é a propriedade do Controle que distingue os argumentos na construção descontínua. Assim, $P_n(x) = E/C$ e $P_n(z) = E$.

Não é sempre a propriedade do Controle que distingue o argumento x do argumento z em uma construção descontínua. Com o verbo *empatar*, por exemplo:

- (7) O Cruzeiro empatou com o América.

Se x empatou com z , x tem papel no desenrolar do processo, e z não tem suas propriedades alteradas em nenhum intervalo de tempo da eventualidade. Assim, $P_n(x) = D$ e $P_n(z) = E$.

É devido a essa diferente atribuição de papéis aos argumentos das construções descontínuas que devemos tecer aqui uma observação sobre o sentido em que usamos o termo *descontínuo*. Em concordância com trabalhos na literatura atual (DIMITRIADIS, 2004, 2005; NUNES, 1995; SILONI, 2001, 2007), utilizamos esse termo para nomear a sentença de sentido recíproco na qual os participantes da relação de reciprocidade são denotados em argumentos separados, um deles introduzido na sintaxe por preposição. Porém, nesses trabalhos, emprega-se o termo *descontínuo* porque se pressupõe que um mesmo argumento (um só papel temático) esteja presente de forma descontínua na sentença, ou seja, dividido em duas posições sintáticas. Mas, como mostramos acima, os argumentos x e z são, na verdade, dois argumentos distintos

acarretados pelo verbo, recebendo diferentes papéis temáticos. Assim, usamos o termo *descontínuo* não porque um mesmo argumento se faz presente de forma descontínua em uma sentença, mas porque a relação de reciprocidade é expressa descontinuamente, com os participantes denotados por sintagmas separados, como nas sentenças em (4), (6a) e (7).

As construções simples e descontínua, enfim, não são sinônimas, pois os papéis temáticos dos argumentos na construção descontínua não são idênticos (há uma ou mais propriedades que os distinguem). Os participantes no evento denotado por uma construção simples têm uma mesma função semântica e, no evento denotado por uma construção descontínua, duas funções distintas. Portanto, as duas formas, ainda que façam referência aos mesmos participantes no mundo, são descrições de eventos diferentes. Mas que tipos de eventos são esses, ou, o que expressam as construções com um verbo recíproco?

Existem dois tipos de eventualidades expressas por um verbo recíproco: a reciprocidade simétrica e a reciprocidade assimétrica. Retomando os exemplos com *conversar*:

- (8) a. João e Maria conversaram.
- b. João conversou com Maria.

Quando o falante quer expressar que ambos os participantes têm exatamente a mesma função no evento recíproco no mundo, ele se vale de uma estrutura como (8a). A língua não permite que haja dois argumentos com mesmo papel temático (Critério Theta). Assim, a única maneira de expressar que dois participantes têm o mesmo papel no evento no mundo é denotá-los por um só argumento, que recebe apenas um papel temático. Porém, o falante pode querer expressar que apenas um dos participantes teve a iniciativa pela eventualidade recíproca, como em (8b), ou que apenas um tem o controle sobre um estado de reciprocidade, como em (6a), ou ainda, que um deles foi quem (ou o quê) desencadeou a ação que culmina em um mesmo estado recíproco ao final do evento, como em (7). Para expressar funções diferentes dos dois participantes no evento recíproco no mundo, utiliza-se, então, de uma estrutura descontínua como (8b), em que os participantes são denotados separadamente por argumentos que recebem diferentes papéis temáticos. É importante dizer que os participantes podem desempenhar funções diferentes e ainda assim nutrirem uma relação de reciprocidade. Logo, é necessário separar a noção de reciprocidade da de simetria, que, muitas vezes, são confundidas na literatura. Vamos assumir

que simetria é quando uma sentença expressa uma mesma função semântica para participantes distintos (o que a língua, não podendo expressar como um mesmo papel temático para argumentos distintos, expressa como um papel para um argumento de denotação plural) e que reciprocidade é uma relação lógica entre participantes, independentemente de quais sejam seus papéis ou funções no evento descrito. Assim, nem todo evento recíproco é simétrico. Há eventos recíprocos assimétricos, que são expressos pelas sentenças descontínuas.

Se construções simples e descontínuas com um mesmo verbo recíproco e mesmos participantes não são paráfrases, a alternância de diátese aqui parece ser de natureza diferente de alternâncias como a ativo-passiva ou a causativo-ergativa.

4.2 Natureza da alternância de diátese simples-descontínua

Em alternâncias como a ativo-passiva ou a causativo-ergativa, um mesmo evento é descrito de perspectivas diferentes, ou seja, há uma mesma estrutura argumental para o verbo e duas realizações sintáticas dessa estrutura:

- (9) a. João quebrou o vidro.
 b. O vidro foi quebrado (por João).

Em (9), temos um exemplo da alternância ativo-passiva. Se considerarmos que as denotações de *João* e *vidro* são as mesmas nas duas sentenças, trata-se da descrição de um mesmo evento, porém, de pontos de vista diferentes: (9a) descreve o evento do ponto de vista causal e (9b) o descreve do ponto de vista processual. Pode-se dizer que a alternância em (9) seja, portanto, estritamente sintática, pois é a sintaxe que exprime de duas maneiras diferentes uma mesma estrutura semântica.

Mas a alternância simples-descontínua não se resume a dois arranjos sintáticos de uma mesma estrutura semântica, em outras palavras, duas perspectivas de um mesmo evento. Não é uma alternância estritamente sintática, pois cada forma descreve um evento diferente, um simétrico e outro assimétrico, com o mesmo verbo. Assim, parece haver não uma, mas duas estruturas semânticas para as duas formas sintáticas na alternância de diátese dos verbos recíprocos. Conforme Franchi e Cançado (1997), a diátese de um verbo se define: a) pelo número

de argumentos que o verbo toma; b) pela qualidade dos papéis temáticos associados a seus argumentos; e c) pela orientação da relação estabelecida entre os argumentos pela mediação do predicador¹⁷. Uma alternância de diátese pode ser uma mudança em qualquer um desses três aspectos. Enquanto uma alternância estritamente sintática como a ativo-passiva é uma mudança em (c), a alternância simples-descontínua dos verbos recíprocos parece ser uma alteração essencialmente em (a).

Observamos que a alternância simples-descontínua não é estritamente sintática, envolvendo também variação no número de argumentos verbais, ou seja, uma alternância na estrutura argumental do verbo recíproco. Procurando não assumir que cada verbo recíproco tenha duas estruturas argumentais, oferecemos uma proposta para como as informações predicativas dos verbos recíprocos estão armazenadas no léxico.

4.3 Uma proposta para a estrutura argumental dos verbos recíprocos

Vimos que, tanto na construção simples quanto na descontínua, o argumento-sujeito recebe o mesmo papel temático, ou seja, mesmo se tratando de construções que descrevem eventos distintos, as propriedades que compõem o papel temático do argumento externo x são sempre acarretadas pelo verbo recíproco. O verbo *conversar*, por exemplo, sempre acarreta as propriedades de Desencadeador e Controle ao argumento x , seja em uma construção simples, seja em uma descontínua. O que diferencia as duas construções é a presença ou a ausência do argumento z preposicionado. No entanto, esse argumento z também é acarretado pelo verbo, como explicamos a partir do seguinte teste:

- (10) João conversou com Maria / *a Maria / *para Maria / *de Maria / *sobre Maria / *em Maria.

Retomemos a recorrente distinção entre preposições funcionais (ou gramaticais) e predicadoras (ou lexicais). Como o argumento *Maria* em (10) é acarretado pelo verbo, a preposição *com* é funcional, e assume um caráter idiomático, pois não pode ser trocada por outra. Conforme

¹⁷ Portanto, a diátese, para esses autores, contém as informações da estrutura argumental como assumimos neste trabalho (número de argumentos e qualidade dos seus papéis temáticos), mais a informação sobre o arranjo, a ordenação dos argumentos na estrutura conceitual.

demonstra Berg (2005), preposições predicadoras aceitam livremente o teste da troca, pois não são selecionadas pelo predicador verbal:

- (11) João correu com a Maria / sem a Maria / sobre a Maria / para a Maria / pela Maria.

O verbo *correr* é intransitivo e as preposições em (11) são predicadoras; cada uma seleciona um argumento e lhe atribui papel temático. Mas, em (10), a preposição *com* apenas encabeça um argumento cujo papel é atribuído pelo verbo.

O argumento z é, portanto, parte da estrutura argumental do verbo recíproco. No entanto, ele fica ausente na descrição de um evento simétrico, em que os participantes são denotados apenas por um argumento (o externo, no caso dos verbos como *conversar*). Assim, propomos uma estrutura sintática única para um verbo recíproco como *conversar*, na qual o argumento z está presente, mas opcionalmente. Condensamos, por isso, as fórmulas $[x V]$, da forma simples e $[x V P z]$, da forma descontínua, em uma fórmula geral $[x V (P z)]$, em que o argumento z é notado entre parênteses.

Se a estrutura sintática de *conversar* é $[x V (P z)]$, então a sua estrutura argumental, em termos de propriedades semânticas, será:

- (12) CONVERSAR: {D/C, (D)}

Na estrutura argumental de *conversar*, há um argumento que recebe as propriedades de Desencadeador e Controle e outro, também acarretado pelo verbo, que recebe a propriedade de Desencadeador (sem Controle), mas que pode não se fazer presente (quando se quer descrever um evento simétrico). A estrutura argumental do verbo *conversar*, então, é uma só, mas informa que o argumento que apresenta apenas a propriedade de Desencadeador é opcional.

Vejamos exemplos de outras estruturas argumentais dos verbos recíprocos. Lembramos que não é por propriedades temáticas que esses verbos se agrupam. Eles apresentam as mais diversas propriedades associadas a seus argumentos, no entanto, há sempre um argumento opcional nessas estruturas argumentais, cujo papel temático é notado entre parênteses.

4.4 Aplicação da proposta: as estruturas argumentais dos diversos verbos recíprocos

4.4.1 Verbos recíprocos intransitivos – [x V (P z)]

Todo verbo recíproco intransitivo tem, como *conversar*, a estrutura sintática [x V (P z)]. Vejamos que tipos de estruturas argumentais podem ter.

Além de *conversar*, muitos outros verbos intransitivos têm uma grade como (12), em que o argumento *x* é Desencadeador com Controle e o argumento *z* é Desencadeador: *brindar*, *contracenar*, *dialogar*, *brigar*, *transar*, dentre outros. Essa é uma análise similar à análise de Cançado (2005a) para as sentenças de dupla causação no português:

- (13) O pai estudou os filhos até a faculdade.
 (14) Zé brindou com Camilo.

Em (13), uma sentença de dupla causação, o argumento *o pai* é Desencadeador com Controle e o argumento *os filhos* é apenas Desencadeador. A sentença expressa que o pai é o responsável pelo fato de os filhos estudarem. A mesma interpretação serve para a sentença descontínua com o verbo recíproco *brindar* em (14): Zé parece ser o responsável, quem tem a iniciativa, pelo fato de ele e Camilo, reciprocamente, brindarem.

Já *colidir* e *trombar* formam um outro grupo de verbos recíprocos intransitivos e causativos que, diferentemente dos verbos acima, não veiculam uma interpretação como a da dupla causação:

- (15) O carro trombou com a moto.

Se *x* *trombou com z*, é necessariamente verdade que *x* e *z* são Afetados, pois mudam de um estado A para um estado B. Também é verdade que *x* tem papel no desenrolar do processo, mas não é necessariamente verdade que *z* tem papel no desenrolar do processo. Assim, a construção descontínua acarreta a *x* uma propriedade (pelo menos) a mais que a *z*, de forma que $P_n(x) = D/A$ e $P_n(z) = A$. A estrutura argumental de verbos como *trombar* será:

(16) TROMBAR: {D/A, (A)}

Em uma sentença simples com esses verbos, os dois participantes denotados em x têm no mundo uma mesma função semântica, qual seja, a de desencadear o evento e ao mesmo tempo sofrer uma afetação nesse evento:

(17) O carro e a moto trombaram.

Há, finalmente, dentre os verbos recíprocos intransitivos causativos, aqueles como *empatar*, como mostrado em (7). São eles *cruzar* e *topar*:

(18) João cruzou com Maria na rua.

Na grade temática desses verbos, o argumento z é Estativo, pois se x *cruzar com* z , z não tem papel no desenrolar do processo, nem tem suas propriedades alteradas em qualquer intervalo de tempo da eventualidade. Mas x tem papel no desenrolar do processo, apesar de não ter necessariamente Controle. Assim:

(19) CRUZAR: {D, (E)}

Passemos aos verbos recíprocos intransitivos estativos. Vimos em (6) que propriedades são acarretas aos argumentos do verbo *discordar*. Sua grade temática é, portanto, a seguinte:

(20) DISCORDAR: {E/C, (E)}

Outros verbos com a mesma grade temática são *concordar*, *concorrer*, *conviver*, *namorar*, dentre outros.

Há um segundo grupo de verbos estativos, cujos argumentos, diferentemente dos verbos acima, não se diferenciam pela propriedade do Controle. São verbos como *combinar* e *rimar*:

(21) Preto combina com cinza.

(22) Esse verso rima com aquele outro.

Se x combina com z , tanto x quanto z recebem a propriedade de Estativo. Mas a sentença acarreta apenas a z a propriedade de ser o ponto de referência da relação ou comparação. Essa é uma propriedade comum aos argumentos z dos verbos desse grupo, que apresentam a seguinte grade temática:

(23) COMBINAR: {E, (E/Ponto de Referência)}

A propriedade “Ponto de Referência” é proposta aqui a fim de captar a intuição de que os papéis dos argumentos x e z em sentenças descontínuas com verbos como *combinar* e *rimar* não são idênticos. Esses verbos pertencem a um conjunto semântico de verbos que descrevem relações ou comparações entre participantes. Nas relações assimétricas, um dos elementos comparados é tomado como novo e outro, como dado, ou base para a comparação. Nas sentenças descontínuas (assimétricas) com verbos como *combinar*, então, os participantes têm diferentes funções no evento: um deles é o ponto de comparação contra o qual o outro participante é confrontado. Este é denotado pelo argumento x e aquele, pelo argumento z . Essa propriedade se faz relevante na diferenciação dos argumentos de verbos recíprocos que descrevem relações, apesar de não ser tão abrangente como D, A, E, e C na descrição e explicação das estruturas do português. No entanto, ela pode ser útil na descrição de sentenças descontínuas com verbos não-recíprocos, nas quais dois argumentos parecem receber mesmo papel:

(24) Maria trabalha com João.

A propriedade Ponto de Referência, que diferencia os papéis dos argumentos *Maria* e *João*, é o motivo da correção hipotética em (25) abaixo:

(25) Não é Maria que trabalha com João, é João que trabalha com Maria.

Parece tratar-se, aqui, de uma questão apenas pragmática. De fato, é na pragmática que se pode inferir, por exemplo, que Maria é hierarquicamente mais importante que João no seu trabalho, ou

que Maria é mais velha, ou ainda que Maria é melhor no que faz. Mas é na língua, na menção, que reside a propriedade Ponto de Referência, base para inferências como essas. Essa propriedade é acarretada na proposição em (24), qualquer que seja o seu contexto de uso, constituindo-se em mais uma das propriedades específicas que se combinam com a propriedade geral de Estativo: ser o alvo, ser a fonte, ser o valor, ser o locativo, dentre outras¹⁸.

4.4.2 Verbos recíprocos transitivos – [x V y (P z)]

Propomos a estrutura sintática [x V y (P z)] para todos os verbos recíprocos transitivos, que se diferem dos verbos recíprocos intransitivos por apresentar um argumento interno y. Porém, para a descrição das estruturas argumentais desses verbos, faz-se relevante distinguir o pequeno grupo de *negociar* (reciprocidade no argumento externo) do numeroso grupo de *juntar* (reciprocidade no argumento interno).

4.4.2.1 Verbos recíprocos transitivos de reciprocidade no argumento externo

Nos verbos deste pequeno grupo, como nos verbos intransitivos, a relação de reciprocidade se dá entre os participantes denotados em x, em uma sentença de sentido simétrico (simples), e entre os participantes denotados separadamente em x e z, em sentenças assimétricas (descontínuas):

(26) A Joana negociou o carro com o pai dela.

Se x *negociou* y *com* z, a relação de reciprocidade assimétrica se dá entre os participantes denotados em x e z. O argumento x recebe as propriedades de Desencadeador e Controle e z, a de Desencadeador, ou seja, trata-se da mesma análise que fizemos para *brindar* em (14). O argumento y, que denota um não-participante da relação de reciprocidade, recebe a propriedade de Estativo. Assim, a única diferença na estrutura argumental desses verbos em relação aos verbos intransitivos é a presença de um papel temático para o argumento y, que denota um

¹⁸ Consulte-se Moreira (2000) para um tratamento da combinação dessas propriedades “menores” com a propriedade de Estativo.

participante excluído da relação de reciprocidade (e que não é notado entre parênteses, pois não é opcional como z):

(27) NEGOCIAR: {D/C, E, (D)}¹⁹

Numa sentença simples com esse verbo, o argumento y continua presente, mas não z , ficando os dois participantes da reciprocidade denotados apenas por x . No evento no mundo, esses participantes apresentam as mesmas funções: a de desencadear o processo e ter controle nesse desencadeamento.

4.4.2.2 Verbos recíprocos transitivos de reciprocidade no argumento interno

Como vimos no capítulo 3, a relação de reciprocidade nos verbos desse numeroso grupo se dá entre os participantes denotados em y (sentenças simples) ou entre aqueles denotados separadamente em y e z (sentenças descontínuas):

- (28) a. Maria afastou os móveis.
b. Maria afastou a cadeira da mesa.

Se x *afastou* y , x recebe a propriedade de Desencadeador e y , a de Afetado. Se x *afastou* y de z , y continua a receber a propriedade de Afetado, ao passo que z recebe a de Estativo, pois não tem suas propriedades alteradas em nenhum intervalo de tempo da eventualidade. Assim, y é o mesmo argumento Afetado em ambas as construções simples e descontínua. Em sentenças simétricas, todos os participantes da reciprocidade são afetados (todos denotados em y) e, em sentenças assimétricas (participantes denotados separadamente em y e z), apenas um o é. Se a estrutura sintática de *afastar* é $[x V y (P z)]$, então a sua estrutura argumental é:

(29) AFASTAR: {D, A, (E)}

Os verbos *alinhar*, *aproximar*, *nivelar*, *proporcionar* e outros têm a mesma grade temática.

¹⁹ Vide, no Apêndice, as outras grades dos poucos verbos recíprocos transitivos como *negociar*.

Todos os verbos de reciprocidade no argumento interno são causativos, isto é, têm um argumento externo (x) Desencadeador. O que os difere entre si são os papéis temáticos dos complementos (y e z). De fato, verbos como *juntar* e *misturar*, diferentemente dos verbos como *afastar*, não acarretam a propriedade de Estativo ao argumento z :

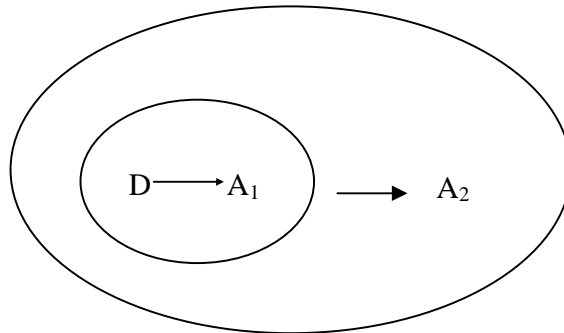
(30) João juntou o leite com a farinha.

(31) Eu misturei café com sorvete.

Se x juntou/misturou y com z , tanto y quanto z mudam de um estado A para um estado B; são ambos argumentos que recebem a propriedade de Afetado. No entanto, como ocorre com toda a classe dos verbos recíprocos, os dois argumentos que denotam os participantes da reciprocidade na sentença descontínua não recebem mesmo papel temático. Há uma distinção entre os papéis de y e z , que pode ser percebida intuitivamente. Parece que o leite é que é levado até a farinha, em (30), e o café, levado até o sorvete, e não o contrário, em (31). Propomos, então, um refinamento da propriedade de Afetado, de modo que um verbo pode acarretar a um argumento a propriedade de ser afetado diretamente ou a de ser afetado indiretamente no evento.

Esse tipo de refinamento é, na literatura, associado à idéia de causação. Como explica Ciríaco (2007), seres animados, instrumentos e forças naturais podem ser causas diretas, ou, nos seus termos, desencadeadores diretos em uma sentença (como o argumento *João* em *João quebrou o vaso*). Já eventos e qualidades são causas ou desencadeadores indiretos de um evento (como *o tropeção que João levou* em *O tropeção que João levou quebrou o vaso*). A idéia é que a causação indireta é mediada por um evento, mas não a direta. Aqui, fazemos uma analogia dessa diferenciação, propondo que também a afetação pode se fazer de forma direta ou indireta. Na afetação direta, o Desencadeador incide diretamente sobre um participante, afetando-o. Na afetação indireta, um terceiro participante é afetado como um resultado do evento de afetação anterior, ou seja, é afetado de forma mediada por um evento. Haveria, assim, em sentenças como (30) e (31), dois eventos: um evento menor, em que se dá a afetação direta (relação direta entre o Desencadeador e o primeiro Afetado), e um evento maior, no qual se dá a afetação indireta (o evento menor afeta um terceiro participante). Esboçamos essas idéias no diagrama abaixo:

(32)



Dentro do círculo menor, está o evento em que há uma relação direta de afetação entre dois participantes: uma relação de Desencadeador e Afetado. Todo esse evento, não apenas o Desencadeador, afeta, por sua vez, um terceiro participante – o Afetado indiretamente. O círculo maior compreende todo o evento de *juntar* ou *misturar* descrito nas sentenças descontínuas em (30) e (31). Assim, se *x juntou/misturou y com z*, *y* é Afetado diretamente e *z* é Afetado indiretamente no evento.

Essa diferenciação da afetação pode resolver outros casos problemáticos para o Critério Theta, como as sentenças com verbos de transferência, do tipo de *colocar*, *pôr*, *dar* e *entregar*, dentre outros:

(33) João colocou o livro na estante.

Tanto *o livro* quanto *a estante* recebem a propriedade de Afetado, pois mudam de um estado A para um estado B. No entanto, apenas *o livro* é afetado diretamente pelo desencadeamento de *João*. *A estante* é afetada em segunda instância, de forma mediada pelo evento de afetação direta.

Enfim, verbos recíprocos como *juntar* e *misturar* – *agrupar*, *desencaixar*, *embaralhar*, *fundir*, *grudar*, *separar* e tantos outros – apresentam a seguinte grade temática:

(34) JUNTAR / MISTURAR: {D, Adiretamente, (Aindiretamente)}

Logo, nas construções simples com esses verbos, os participantes da reciprocidade são igualmente afetados de forma direta pelo participante que desencadeia o evento:

(35) Eu misturei café e sorvete.

Intuitivamente, percebe-se que o Desencadeador incide tanto sobre café quanto sobre o sorvete, diferentemente da interpretação em (31). O diagrama para representar a afetação nessa sentença conteria apenas o círculo menor.

Há alguns verbos que apresentam a mesma grade temática, porém, contam com uma propriedade a mais associada aos argumentos y e z :

(36) A briga pela herança inimizou Maria com sua irmã.

Se x *inimizou* y *com* z , x é Desencadeador, y é Afetado diretamente e z é Afetado indiretamente. E tanto y quanto z são Experienciadores. Assim:

(37) INIMIZAR: {D, Adiretamente/Experienciador, (Aindiretamente/Experienciador)}

Outros verbos com essa grade são: *opor* e *reconciliar*.

Os últimos verbos que descrevemos também contam com a propriedade de Experienciador em sua grade temática:

(38) Rafael compara a atual namorada com a ex.

Comparar se relaciona a verbos do tipo de *combinar*, como em (21). Enquanto *combinar* descreve uma relação entre dois participantes, verbos como *comparar* descrevem que alguém realiza, no nível psicológico, esse tipo de relação. Se x *compara* y *com* z , x tem papel no desenrolar do processo e é um experienciador; y e z não têm suas propriedades alteradas em nenhum intervalo de tempo do evento, e apenas z é o ponto de referência da relação estabelecida no nível psicológico:

(39) COMPARAR: {D/Experienciador, E, (E/Ponto de Referência)}

Outros verbos com a mesma grade temática são: *associar, confundir, distinguir, equiparar, relacionar, vincular* etc.

Tendo apresentado uma proposta para uma estrutura argumental dos verbos recíprocos, mostrando que os argumentos que denotam separadamente os participantes da reciprocidade em construções descontínuas recebem sempre diferentes papéis temáticos (pois os grupos de propriedades se distinguem), tratemos agora do problema das sentenças em (2) e (3).

4.5 *O carro e o poste colidiram: resolvendo um problema na literatura

Retomemos as sentenças em (2) e (3):

- (40) a. O carro colidiu com o caminhão.
 b. O carro e o caminhão colidiram.
- (41) a. O carro colidiu com o poste.
 b. *O carro e o poste colidiram.

Essas sentenças são mostradas na literatura como indício de que as construções simples e descontínua não são sinônimas. Esse indício parte da agramaticalidade de (41b) em relação à gramaticalidade de (41a). A não-sinonímia se confirmou e foi explicada nas seções anteriores, mas ainda não explicamos a agramaticalidade de (41b).

De início, pode-se dizer que a agramaticalidade dessa sentença não se deve a uma restrição à alternância entre as formas simples e descontínua, pois o verbo *colidir* é recíproco e por isso pode formar ambas as construções (como em (40)). A agramaticalidade tem relação com uma certa combinação de participantes em uma sentença que expressa reciprocidade simétrica com esse verbo.

É possível forjar exemplos semelhantes com outros verbos recíprocos. Nesses exemplos, a construção descontínua é permitida com certa combinação de participantes, mas a construção simples é agramatical com a mesma combinação:

- (42) a. Ele concorda com a política de Lula.

- b. *Ele e a política de Lula concordam.
- (43) a. Ela convive bem com a bagunça.
b. *Ela e a bagunça convivem bem.
- (44) a. Breno flerta com a idéia de morar fora.
b. *Breno e a idéia de morar fora flertam.
- (45) a. Maria afastou a cadeira da parede.
b. *Maria afastou a cadeira e a parede.

Retomando o que vimos sobre as grades temáticas dos verbos recíprocos, é simples entender a agramaticalidade dos exemplos (b).

Vimos que a construção descontínua tem interpretação assimétrica, denotando os participantes da reciprocidade em dois argumentos, aos quais são atribuídos papéis diferentes. Para o verbo *concordar*, por exemplo, há um argumento que recebe o papel temático de {E/C} e um outro argumento que recebe o papel temático de {E}. O argumento *a política de Lula* recebe a propriedade de Estativo em uma sentença como (42a). Mas, na descrição de um evento simétrico com esse verbo, ambos os participantes têm a mesma função no mundo, recebendo, na língua, as propriedades de Estativo e Controle e sendo denotados apenas pelo argumento externo. Ora, é possível que *ele* denote um participante de função estativa que tem controle ou iniciativa na eventualidade de *concordar* no mundo, mas não *a política de Lula*, que é inanimado.

O mesmo ocorre com os exemplos em (43b) e (44b). Cada sentença denota dois participantes que deveriam ter controle ou iniciativa no mundo (recebendo os papéis de Estativo com Controle, em (43b), e de Desencadeador com Controle, em (44b)). No entanto, apenas um desses participantes em cada sentença pode ter controle – *ela* e *Breno* –, pois o outro participante é inanimado – *a bagunça* e *a idéia*. Em (45), temos o verbo *afastar*, que denota reciprocidade no argumento interno e cuja estrutura argumental é {D, A, (E)}. Em uma sentença simples com esse verbo, ambos os participantes denotados em *y* (que recebe a propriedade de Afetado) devem sofrer uma afetação de afastamento no mundo. Mas, uma parede não pode sofrer esse tipo de afetação, porque uma de suas características é ser imóvel. O que confere agramaticalidade ou, em termos menos formais, estranheza a todas essas sentenças são as restrições seletivas dos verbos. Os itens, com seus traços de sentido – sua decomposição lexical –, são incompatíveis com certas posições argumentais às quais certas propriedades são necessariamente atribuídas pelo

verbo. Se, no entanto, damos novas características ao participante no mundo, mudando algum traço na decomposição lexical do item que o denota, é possível que ele seja aceito desempenhando certa função. Por isso é que, como observa Dowty (1991), se imaginarmos que o poste em (41b) estava rolando ladeira abaixo quando se chocou com o carro, a sentença se torna aceitável. Da mesma forma, se dissermos que *bagunça* é o nome de alguém, ou que a parede é móvel, as sentenças em (43b) e (45b) serão aceitas.

Voltando a atenção para a sentença em (41b), o que confere a sua agramaticalidade não é o fato de um dos participantes não ter controle ou iniciativa no mundo, como em (42b)-(44b); a explicação aqui é similar à explicação dada para a agramaticalidade de (45b). A estrutura argumental de *colidir* é {D/A, (A)}, como a de *trombar* em (16). Uma sentença simples com *colidir* denota um evento recíproco simétrico em que os dois (ou mais) participantes têm ambos as mesmas funções de desencadear a ação e de ser afetado por ela. Um carro pode desencadear a ação de *colidir*, mas não um poste, simplesmente pelo fato de sabermos que, para desencadear uma colisão, é necessário estar em movimento. Assim, a sentença em (41b) é agramatical se entendemos que o poste, como é característico no seu conjunto de traços, está imóvel.

As sentenças nos exemplos (b) acima, na verdade, não são agramaticais, pois não é a sua estruturação que viola regras gramaticais de formação das sentenças – em (41b) há dois NPs coordenados ocupando o lugar de sujeito, da mesma forma que em (40b). Trata-se de sentenças anômalas, devido às restrições seletivas dos verbos, que impedem que itens com certos traços de sentido ocupem certas posições argumentais.

Para concluir, é interessante notar que as sentenças descontínuas de (41) a (45) são exemplos extremos da assimetria que pode ser expressa por verbos recíprocos. Ainda assim, essas sentenças denotam relações de reciprocidade. Por exemplo, se ele concorda com a política de Lula, há, de um ponto de vista lógico, uma concordância também na direção da política de Lula para ele, ainda que não seja possível dizer algo como **a política de Lula concorda com ele*, devido às restrições seletivas. Da mesma forma, se Maria afastou a cadeira da parede, o resultado dessa ação é a cadeira afastada da parede e a parede afastada da cadeira, ou seja, uma situação de reciprocidade. Mais uma vez, então, é mister distinguir a noção de reciprocidade, presente em qualquer sentença com um verbo recíproco, da noção de simetria. A simetria diz respeito ao grau de identidade de funções que os participantes têm no evento, o que não interfere na existência de uma relação de reciprocidade entre esses participantes.

Para encerrar este capítulo, tecemos algumas considerações sobre a projeção na sintaxe da estrutura argumental que propomos para os verbos recíprocos.

4.6 Considerações sobre a projeção da estrutura argumental dos verbos recíprocos na sintaxe

Na análise que realizamos dos verbos recíprocos, falamos de sintaxe quando relacionamos a propriedade semântica que esses verbos compartilham, a reciprocidade, à sua propriedade sintática, a alternância entre as formas simples e descontínua. Em seguida, essa dupla manifestação sintática foi analisada em seus aspectos semântico-lexicais. Porém, apesar de relacionar os aspectos sintáticos dos verbos recíprocos a seus aspectos semânticos, não tratamos de como estes se projetam naqueles. Não aprofundaremos uma investigação sobre a projeção sintática da estrutura argumental dos verbos recíprocos, mas levantamos, nesta seção, as questões que se impõem sobre esse tema. Essas questões se referem à violação da Hierarquia Temática por verbos como *negociar* e à presença idiossincrática de uma preposição encabeçando um argumento verbal, em sentenças descontínuas como *João conversou com Maria*.

Se a semântica, a sintaxe e a fonologia são módulos autônomos e estruturados, deve-se postular também que há regras de vinculação entre esses módulos, de modo a dar forma à expressão lingüística. Um princípio conhecido de vinculação entre a estrutura semântica e a sintática é a Hierarquia Temática, que organiza os argumentos conforme seus papéis temáticos, mapeando-os em posições sintáticas. Na proposta de Cançado (2005a), em que os papéis temáticos são refinados em propriedades, são as propriedades, e não os papéis, que compõem a Hierarquia. Para a autora, a hierarquia pode mapear um argumento não apenas na posição de sujeito, ou argumento externo, mas também na de objeto, ou argumento interno. A propriedade de Desencadeador é mais proeminente que a de Afetado, por exemplo. Assim, um verbo como *quebrar* terá seu argumento Desencadeador organizado como sujeito e seu argumento Afetado, como objeto. A hierarquia das propriedades segue a seguinte ordem: Desencadeador com Controle > Desencadeador > Afetado com Controle > Afetado > Estativo com Controle > Estativo. O argumento que contiver, na composição de seu papel temático, a propriedade mais proeminente ocupará a posição de sujeito, e o argumento que contiver a segunda propriedade mais proeminente será objeto.

Alguns verbos recíprocos, como *negociar*, apresentam um problema para essa hierarquia de propriedades. A estrutura argumental de *negociar*, lembramos, é {D/C, E, (D)}. Ora, se os três argumentos são acarretados pelo verbo e constam na sua estrutura argumental, em uma sentença descontínua, o argumento Desencadeador, e não o Estativo, deveria ocupar a posição de objeto, por ser o segundo argumento mais proeminente. No entanto, é o argumento Estativo que é mapeado como objeto em uma sentença descontínua com *negociar*, ficando o argumento Desencadeador em posição de adjunção, marcado por preposição:

(46) A Joana negociou o carro com o pai dela.

A vinculação da estrutura semântica à estrutura sintática é formulada por Cançado (2005a) em três regras de projeção: a Regra A, a Regra B e a Regra C. A Regra A é a hierarquia de propriedades que relatamos acima. A Regra B prediz que, mapeados os argumentos externo e interno pela Hierarquia, se o verbo tem mais argumentos, estes são alocados na sintaxe em posição de adjunção e são marcados por preposição. Os verbos recíprocos intransitivos como *brigar* impõem aqui uma questão. Os dois argumentos na estrutura argumental de *brigar* são acarretados pelo verbo: {D/C, (D)}. No entanto, na forma descontínua, o argumento Desencadeador é marcado por preposição, mesmo sem ser o terceiro argumento verbal. Pela Hierarquia, esse argumento deveria ocupar a posição de objeto, porém, é encabeçado por preposição.

Essas questões parecem se relacionar com a Regra C, que prediz que o argumento que muda de posição em uma alternância na diátese original do verbo aparece na sentença marcado por preposição. Seria esse o caso do argumento agente em sentenças passivas, que são frutos de uma alternância na diátese ativa original do verbo. O argumento agente, mais proeminente, aparece na sentença passiva em posição de adjunção, marcado pela preposição *por*: *O vaso foi quebrado por João*. Cançado explica essa Regra como um meio que a língua dispõe de marcar uma violação na Hierarquia Temática.

Na alternância simples-descontínua, não há um argumento que muda de posição, por isso a Regra C não se aplica propriamente ao caso. Nessa alternância, na verdade, um argumento ora se faz presente, ora não. Porém, a preposição parece ter a ver com o fato de o argumento *z* ser opcional. Na forma simples dos verbos recíprocos, esse argumento não está presente, de modo

que a Hierarquia organiza apenas o argumento x de verbos intransitivos como *brigar*, ou apenas os argumentos x e y de verbos transitivos como *negociar*. Na forma descontínua, a Hierarquia parece não enxergar o argumento z . Assim, ele é mapeado como adjunto, marcado por preposição, tanto com verbos como *negociar*, quanto com verbos como *brigar*. Resumimos essas considerações, portanto, na seguinte questão: por que a Hierarquia parece não organizar o argumento z , mesmo sendo ele acarretado pelo verbo recíproco? Sendo o objetivo geral deste trabalho analisar os aspectos semântico-lexicais da alternância simples-descontínua dos verbos recíprocos, como vimos fazendo nos capítulos 3 e 4, lançamos essa questão da vinculação entre os módulos, de teor mais sintático, para trabalhos futuros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Respondendo às questões que direcionaram este trabalho, apresentamos, no capítulo 3, os verbos recíprocos como uma classe verbal no PB. Primeiramente, caracterizamos as formas simples e descontínua. A forma simples tem um argumento de denotação plural, que denota justamente os participantes da relação de reciprocidade expressa pelo verbo. A forma descontínua denota os participantes da reciprocidade em dois argumentos, um deles introduzido na sintaxe por preposição, e não tem exigências quanto à denotação desses argumentos. Mostramos, em seguida, o teste desenvolvido para se identificar um verbo recíproco no PB. Um verbo é recíproco se, na sua forma simples, acarretar sentenças descontínuas. Argumentamos, então, que verbos que denotam reciprocidade pelo argumento interno (na forma simples), como *juntar*, também pertencem a essa classe. Em uma análise empírica, mostramos que os verbos recíprocos podem apresentar diversas transitividades. Podem também atribuir os mais diversos papéis temáticos a seus argumentos, não compartilhando uma mesma estruturação temática. Assim, refletindo sobre a noção de classe verbal, percebemos que a propriedade sintática que reúne esses verbos é a alternância entre as formas simples e descontínua, não a transitividade. A propriedade semântica que se relaciona a esse comportamento sintático é a reciprocidade, que parece ser uma propriedade lógica, não temática. Essa propriedade semântica, portanto, é relevante gramaticalmente, pois o verbo que a contiver se manifestará sintaticamente de duas maneiras: nas formas simples e descontínua. Corroboramos, pois, com esses resultados, a hipótese de que há propriedades semânticas, presentes na informação lexical dos itens, que determinam o seu comportamento sintático, ou seja, que a semântica restringe a sintaxe.

No quarto capítulo, exploramos a alternância de diátese apresentada pela classe dos verbos recíprocos. Mostramos que não há sinonímia entre as formas simples e descontínua, o que indica que essa alternância de diátese não é estritamente sintática como a alternância ativo-passivo ou a causativo-ergativa. As duas formas de cada verbo recíproco descrevem diferentes eventos – um simétrico e um assimétrico –, não diferentes perspectivas de um mesmo evento. A alternância parece se dar na estrutura argumental, variando o número de argumentos verbais nas construções. Apresentamos uma proposta de uma estrutura argumental única para cada verbo recíproco. Nessa estrutura, seja o verbo transitivo ou intransitivo, há sempre um argumento

opcional. Com a descrição das diversas estruturas argumentais, visamos mostrar, pelas propriedades semânticas propostas em Cançado (2005a), a não-identidade entre o papel temático do argumento x ou y e o papel temático do argumento z . Nessa análise, não há violação do Critério Theta. Propusemos uma nova propriedade semântica – Ponto de Referência²⁰, que se associa à propriedade de Estativo – e um refinamento da propriedade de Afetado – Afetado diretamente e Afetado indiretamente. Essas propriedades propostas serviram para distinguir os papéis temáticos nas construções descontínuas com alguns verbos recíprocos, mas podem também ser úteis na descrição e explicação de outros fenômenos do português, principalmente em questões relativas à violação do Critério Theta. Finalmente, explicamos, a partir da análise dos verbos pelas propriedades de Cançado e também pela noção de restrição seletional, a agramaticalidade (ou, mais propriamente, anomalia) de sentenças como **O carro e o poste colidiram*. Pode-se dizer, de maneira geral, que fizemos uma ampla descrição da semântica das construções com os verbos recíprocos e que corroboramos a hipótese de que fenômenos gramaticais podem ser explicados de um ponto de vista semântico. Finalizamos o capítulo tecendo algumas considerações de teor mais sintático e levantando questões a serem investigadas sobre a projeção da estrutura argumental dos verbos recíprocos na sintaxe.

Relatamos, acima, os resultados desta pesquisa, que respondem às questões levantadas, cumprindo com os objetivos propostos. As hipóteses, como dissemos, foram corroboradas. A seguir, fazemos uma reflexão sobre o trabalho, apresentando suas justificativas, seus méritos e suas lacunas.

Esta pesquisa se justificou, primeiramente, por realizar tanto uma análise empírica quanto uma análise teórica do objeto de estudo. Do ponto de vista empírico, este trabalho tem o mérito de apresentar uma classe verbal ainda inexplorada na língua, não apenas listando os verbos dessa classe, mas também mostrando como eles se comportam (apresentando uma alternância de formas) e descrevendo outros aspectos sintáticos (como as transitividades) e semânticos (como as estruturas argumentais) dos mesmos. Contribuímos, portanto, para a descrição do PB. Do ponto de vista teórico, a escolha por uma abordagem diferente da noção tradicional de papel temático (a proposta de CANÇADO, 2005a, exposta no capítulo 2) se mostrou adequada, pois, com essa

²⁰ Essa propriedade pode, na verdade, ser apenas um ajuste da propriedade Objeto de Referência, já proposta em Cançado (2005a). Para a autora, o argumento *o livro*, em uma sentença como *João leu um livro*, recebe as propriedades de Estativo e de ser o objeto ao qual a ação de João se refere. A propriedade Ponto de Referência, que propomos neste trabalho, não é o objeto ao qual uma ação se refere, mas da qual parte uma comparação ou relação.

abordagem, elucidamos diversos aspectos semânticos dos verbos recíprocos e da alternância que apresentam, além de propor a maneira como as informações predicativas desses verbos estão armazenadas no léxico (estrutura argumental). Contribuímos, assim, para o desenvolvimento da proposta de Cançado, mostrando a sua adequação na análise de um mais fenômeno no PB, e também propondo novas propriedades temáticas (o Ponto de Referência e o refinamento do Afetado). Com relação à hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe, ajudamos a explicitá-la, mostrando que as propriedades semânticas relevantes gramaticalmente podem ter diferentes naturezas (as propriedades relevantes para a alternância causativo-ergativa, por exemplo, são de natureza temática, enquanto que a propriedade relevante para a alternância simples-descontínua dos verbos recíprocos é de natureza lógica). Ainda, contribuímos para os estudos na área da interface entre a sintaxe e a semântica, mostrando que também as alternâncias de diátese podem ter naturezas diferentes: a causativo-ergativa é uma alternância estritamente sintática e a alternância simples-descontínua envolve uma variação também na estrutura argumental. Finalmente, como contribuição à lingüística, desenvolvemos uma reflexão sobre a noção de classe verbal.

Com relação à hipótese de que a semântica, como um módulo estruturado, organiza a sintaxe, apenas apontamos que uma particularidade na estrutura argumental dos verbos recíprocos (a existência de um argumento opcional) deve se relacionar com as peculiaridades observadas nas sentenças com esses verbos (a violação do Critério Theta por verbos como *negociar* e a presença idiossincrática de uma preposição nas sentenças descontínuas com verbos como *brigar*). No entanto, não investigamos como se dá a projeção da estrutura argumental desses verbos na sintaxe. Outro tema que fica em aberto é o da construção média, que mostramos, no capítulo 3, ser uma forma derivada de alguns verbos recíprocos. É possível também que verbos não-recíprocos no PB possam formar esse tipo de construção, mas não sabemos qual é a extensão dessa construção dentre os verbos do PB, tampouco quais são seus processos formadores e quais são suas restrições. Resta também explorar melhor a formação das construções derivadas – ergativas e médias – com verbos recíprocos: Haveria também, nas sentenças médias e ergativas descontínuas, uma diferenciação entre os papéis dos argumentos que denotam separadamente os participantes da reciprocidade? Em que consistiria essa diferença, ou, nos termos deste trabalho, como se distinguiriam os grupos de propriedades? Portanto, apenas apontamos direções para se investigar esses temas em pesquisas futuras.

Esperamos, enfim, por meio das generalizações tecidas neste trabalho, ter elucidado parte do conhecimento internalizados que os falantes do PB compartilham.

REFERÊNCIAS

- BERG, M. *O comportamento semântico-lexical das preposições do PB*. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- BORBA, F.S. (Coord.) *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo*. São Paulo: Unesp, 1990.
- BORILLO, A. Remarques sur les verbes symétriques français. *Langue française*, n. 11, p. 17-31, 1971.
- CANÇADO, M. O papel do léxico em uma teoria de papéis temáticos. *DELTA*, v. 16, n. 2, p. 297-321, 2000.
- _____. Hierarquia temática: uma proposta para o PB. *Revista letras*, n. 61, p. 17-43, 2003a.
- _____. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MULLER, A. L.; NEGRAO, E. V.; FOLTRAN, M. J. (Orgs.) *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003b.
- _____. Propriedades semânticas e posições argumentais. *DELTA*, v. 21, n. 1, p. 23-56, 2005a.
- _____. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: UFMG, 2005b.
- _____. Verbal alternations in Brazilian Portuguese. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007. 22 p. Não-publicado.
- CHAFE, W. Directionality and paraphrase. *Language*, v. 47, p. 1-26, 1971.
- CHIERCHIA, G. (1989) Structured meanings. In: CHIERCHIA, G.; HALL-PARTEE, B.; TURNER, R. (Eds.) *Properties, types and meaning*. Dordrecht: Kluwer, 1989. v. 2, p. 131-166.
- CIRÍACO, L. *A alternância causativo-ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- CROFT, W. *Syntactic categories and grammatical relations: the cognitive organization of information*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- DIMITRIADIS, A. The event structure of irreducibly symmetric reciprocals. In: DOLLING, J.; HEYDE-ZYBATOW, T. (Eds.) *Event structures in linguistic form and interpretation*. Berlin: De Gruyter, 2005.

_____. Discontinuous reciprocals. Utrecht: Utrecht Institute of Linguistics, 2004. Não-publicado. Disponível em: <<http://www.let.uu.nl/~alexis.dimitriadis/personal/papers/discon-long-ms04.pdf>> Acesso em: 12 Jan. 2008.

DIXON, R. M. W. *A new approach to English grammar, on semantic principles*. Oxford: Clarendon Press, 1992.

DOWTY, D. (1989) On the semantic content of the notion of thematic role. In: CHIERCHIA, G.; HALL-PARTEE, B.; TURNER, R. (Eds.) *Properties, types and meaning*. Dordrecht: Kluwer, 1989. v. 2, p. 69-129.

_____. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, v. 63, n. 3, p. 547-617, 1991.

_____. The semantic asymmetry of 'argument alternations' (and why it matters). In: VAN DER MEER, G.; TER MEULEN, A. G. B. (Eds.) *Making sense: from lexeme to discourse*. *Groninger Arbeiten zur germanistischen linguistics*, n. 44, 2001.

EMONDS, J. *A transformation approach to English syntax*. Los Angeles: Academic Press, 1976.

FILLMORE, C. J. Subjects, speakers and roles. In: DAVIDSON, D.; HARMAN, G. (Eds.) *Semantics of natural language*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1972.

_____. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. (Eds.) *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968. p. 1-88.

FONSECA, J. Verbos simétricos. *Boletim de filologia*, v. 2, p. 383-403, 1984.

FRANCHI, C. Predicação. 1997. Manuscrito publicado em: CANÇADO, M. (Org.) Predicação, relações temáticas e papéis temáticos: anotações de Carlos Franchi. *Revista de estudos da linguagem*, v.11, n. 2, p. 17-81, 2003.

FRANCHI, C.; CANÇADO, M. Teoria generalizada dos papéis temáticos. 1997. Manuscrito publicado em: CANÇADO, M. (Org.) Predicação, relações temáticas e papéis temáticos: anotações de Carlos Franchi. *Revista de estudos da linguagem*, v.11, n. 2, p. 83-124, 2003.

GLEITMAN, L. *et al.* Similar, and similar concepts. *Cognition*, v. 58, p. 321-376, 1996.

HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English. *Journal of Linguistics*, v. 2 e 3, 1967.

HEIM, I.; LASNIK, H.; MAY, R. Reciprocity and plurality. *Linguistic inquiry*, v. 22, n. 1, p. 63-101, 1991.

ILARI, R. Dos problemas de imperfeita simetria. *Cadernos de estudos lingüísticos*, v. 13, p. 49-65, 1987.

JACKENDOFF, R. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.

- KAYNE, R. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.
- LAKOFF, G.; PETERS, S. (1969) Phrasal conjunction and symmetric predicates. In: REIBEL, D. A.; SCHANE, S. A. (Eds.). *Modern studies in English*. New Jersey: Prentice-Hall, 1969. p. 113-142.
- LEVIN, B. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. *Argument realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- MASLOVA, E. Reflexive encoding of reciprocity: cross-linguistics and language internal variation. In: KÖNIG, E.; GAST, V. (Eds.) *Reciprocals and reflexives: cross-linguistics and theoretical explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.
- MASLOVA, E.; NEDJALKOV, V. P. Reciprocal constructions. In: HASPELMATH, M. *et al.* (Eds.) *The world atlas of language structures*. New York: Oxford University Press, 2005.
- MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R.E.V. *Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2000.
- MOREIRA, C. *Princípio de ligação sintaxe/semântica: construções estativas*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- RAJAGOPALAN, K. Quando 2+3 não é igual a 3+2: a semântica e a pragmática das construções simétricas em língua natural. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 13, p. 67-96, 1987.
- REINHART, T.; SILONI, T. The lexicon-syntax parameter: reflexivization and other arity operations. *Linguistic inquiry*, v. 63, n. 3, 2005.
- SILONI, T. Reciprocal verbs. In: FALK, Y. (Ed.) *Proceedings of Israel association for theoretical linguistics*, 17, 2001. Publicação online. Disponível em: <<http://atar.msc.huji.ac.il/~english/IATL/17/>>. Acesso em: 12 Jan. 2008.
- _____. The syntax of reciprocal verbs: an overview. In: KÖNIG, E.; GAST, V. (Eds.) *Reciprocals and reflexives: cross-linguistics and theoretical explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.
- WHITAKER-FRANCHI, R. C. M. *As construções ergativas: um estudo sintático e semântico*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Unicamp, Campinas, 1989.
- WILLIAMS, E. Reciprocal scope. *Linguistic inquiry*, v. 22, n. 1, p. 159-173, 1991.

APÊNDICE

Corpus de sentenças com verbos recíprocos

1. Verbos recíprocos com a estrutura sintática [*x* V (P *z*)] (intransitivos)

1.1 Verbos com a estrutura argumental como a de *conversar*:

- CONVERSAR: {D/C, (D)}

| VERBO | FORMA SIMPLES | FORMA DESCONTÍNUA |
|---------------------|--|--|
| Acordar | A empresa brasileira e a americana acordaram. | A empresa brasileira acordou com a americana. |
| Argüir / argumentar | Os advogados argüiram. | O advogado de defesa argüiu com o promotor. |
| Brigar | João e Maria brigaram. | João brigou com Maria. |
| Brindar | O casal brindou. | João brindou com Maria. |
| Cochichar | As meninas cochicharam. | Paulinha cochichou com Carlinha. |
| Comerciar | O turco e o judeu comerciaram. | O turco comerceiou com o judeu. |
| Conchavar | Os partidos conchavaram. | O partido conchavou com seu rival. |
| Confabular | A bruxa e a madrasta confabularam. | A bruxa confabulou com a madrasta. |
| Confraternizar | João e os colegas confraternizaram no churrasco. | João confraternizou com os colegas no churrasco. |
| Contracenar | Brad e Kate nunca contracenaram. | Brad nunca contracenou com Kate. |
| Conversar | Nós conversamos. | Eu conversei com ele. |
| Copular | Os insetos copularam. | A abelha copulou com o zangão. |
| Dialogar | João e Maria dialogaram. | João dialogou com Maria. |
| Duelar | Pedro e Paulo duelaram. | Pedro duelou com Paulo. |
| Ficar | A Joana e o Pedrinho ficaram ontem. | A Joana ficou com o Pedrinho ontem. |
| Flertar | João e Maria flertaram. | João flertou com Maria. |
| Fornicar | Eles fornicaram. | A Joana fornicou com o Pedrinho. |
| Interagir | Os colegas interagiram na festa. | Maria interagiu com os colegas na festa. |
| Lutar | O Bê e o Cristiano lutaram na areia. | O Bê lutou com o Cristiano na areia. |
| Mancomunar | As esposas revoltadas mancomunaram. | Maria mancomunou com as esposas revoltadas. |
| Noivar | Breno e Heloísa noivaram. | Breno noivou com Heloísa. |
| Pactuar | Os políticos pactuaram. | O político pactuou com os corruptos. |
| Prosear | Dona Ana e Dona Vilma prosearam. | Dona Ana proseou com Dona Vilma. |
| Permutar | A produtora e a gravadora permutaram. | A produtora permutou com a gravadora. |
| Reatar | Os namorados reataram. | A Rita reatou com o Renato. |
| Tabelar | Pelé e Garrincha tabelaram. | Pelé tabelou com Garrincha. |
| Transar | O casal transou. | João transou com Maria. |

Verbos com a estrutura argumental como a de *combinar*:

- COMBINAR: {E, (E/ponto de referência)}

| VERBO | FORMA SIMPLES | FORMA DESCONTÍNUA |
|--------------|--|---|
| Coexistir | A arte e a censura não podem coexistir | A arte não pode coexistir com a censura. |
| Coincidir | Os nossos horários coincidem. | Os meus horários coincidem com os seus. |
| Combinar | Essas cores combinam. | Preto combina com cinza. |
| Conflitar | O testemunho da jornalista e o do senador conflitam. | O testemunho da jornalista conflita com o do senador. |
| Contrastar | Essas cores contrastam. | O preto contrasta com o branco. |
| Convergir | Os partidos convergem. | O partido da base converge com o de oposição. |
| Coocorrer | Os sons coocorrem em PB. | Este som coocorre com este outro em PB. |
| Corresponder | As nossas idéias correspondem. | A minha idéia corresponde à sua. |
| Destoar | As duas vozes destoam na música. | A voz dela destoa da dele. |
| Discrepar | Os depoimentos discreparam. | O depoimento do senador discrepa do da sua amante. |
| Divergir | As nossas idéias divergem. | A minha idéia diverge da sua. |
| Entrosar | As vozes do Amaranço entrosam muito bem. | A voz da caçula entrosa com a da primogênita. |
| Equivaler | Essas medidas de temperatura equivalem. | Trinta graus Celsius equivalem a oitenta e seis Fahrenheit. |
| Harmonizar | Guitarra e contrabaixo harmonizam bem. | Guitarra harmoniza bem com contrabaixo. |
| Rimar | Esses versos rimam. | Esse verso rima com aquele outro. |

1.2 Verbos com a estrutura argumental como a de *concordar*:

- CONCORDAR: {E/C, (E)}

| VERBO | FORMA SIMPLES | FORMA DESCONTÍNUA |
|-----------|--|--|
| Concordar | Dani e Lara concordam sobre a questão. | Dani concorda com Lara. |
| Concorrer | As amigas concorrem à mesma bolsa. | Heloísa concorre com Marisa à mesma bolsa. |
| Conviver | O casal convive bem. | João convive bem com Maria. |
| Discordar | Heloísa e Rafael discordam. | Heloísa discorda de Rafael. |
| Namorar | Eles estão namorando. | A Clara está namorando com o Diogo. |

1.3 Verbo *cooperar*:

- COOPERAR: {D/C, (A)}

| VERBO | FORMA SIMPLES | FORMA DESCONTÍNUA |
|----------|--|--|
| Cooperar | Atenienses e espartanos cooperaram na invasão persa. | Os atenienses cooperaram com os espartanos na invasão persa. |

1.5 Verbos com a estrutura argumental como a de *cruzar*:

- CRUZAR: {D, (E)}

| VERBO | FORMA SIMPLES | FORMA DESCONTÍNUA |
|---------|-------------------------------|-----------------------------------|
| Cruzar | João e Maria cruzaram na rua. | João cruzou com Maria na rua. |
| Topar | Eu e ele topamos. | Eu topei com ele. |
| Empatar | Cruzeiro e América empataram. | O Cruzeiro empatou com o América. |

1.6 Verbos com a estrutura argumental como a de *trombar*:

- TROMBAR: {D/A, (A)}

| VERBO | FORMA SIMPLES | FORMA DESCONTÍNUA |
|---------|---------------------------------|---------------------------------|
| Colidir | O carro e o caminhão colidiram. | O carro colidiu com o caminhão. |
| Trombar | Os pilotos trombaram. | Ayrton trombou com Piquet. |

2. Verbos recíprocos com a estrutura sintática [x V y (P z)] (transitivos)

2.1 Verbos transitivos de reciprocidade no argumento externo

2.1.1 Verbos com a estrutura argumental como a de *negociar*:

- NEGOCIAR: {D/C, E, (D)}

| VERBO | FORMA SIMPLES | FORMA DESCONTÍNUA |
|-----------------------|---|---|
| Comentar | Galvão e Falcão comentaram a partida. | Galvão comentou a partida com Falcão. |
| Debater | Os diretores debateram o assunto. | O gerente debateu o assunto com o diretor. |
| Discutir | Heloísa e a orientadora discutiram os resultados. | Heloísa discutiu os resultados com a orientadora. |
| Disputar | Os times disputaram a taça de campeão. | O Cruzeiro disputou a taça de campeão com o Atlético. |
| Jogar | Nós jogamos futebol nas segundas. | Eu jogo futebol com as amigas nas segundas. |
| Negociar / renegociar | Joana e o pai negociaram o carro. | Joana negociou o carro com o pai. |

2.1.2 Verbos com a estrutura argumental como a de *trocar*:

- TROCAR: {D/C, A, (D)}

| VERBO | FORMA SIMPLES | FORMA DESCONTÍNUA |
|--------------------|------------------------------------|---|
| Trocar / destrocar | João e Maria trocaram os cadernos. | João trocou o caderno com a Maria. |
| Meiar | João e Maria meieram a conta. | João meiou a conta com Maria. |
| Partilhar | A família partilhou a herança. | Maria partilhou a herança com as irmãs. |
| Repartir | Os irmãos repartiram o bolo. | Pedrinho repartiu o bolo com seus irmãos. |

2.1.3 Verbos com a estrutura argumental como a de *compactuar*:

- COMPACTUAR: {E/C, E, (E)}

| VERBO | FORMA SIMPLES | FORMA DESCONTÍNUA |
|--------------|-----------------------------------|---|
| Compactuar | Eles compactuam um segredo. | João compactua um segredo com Pedro. |
| Compartilhar | Os irmãos compartilham o beliche. | Pedrinho compartilha o beliche com o irmão. |

2.2 Verbos transitivos de reciprocidade no argumento interno

2.2.1 Verbos com a estrutura argumental como a de *afastar*:

- AFASTAR: {D, A, (E)}

| VERBO | FORMA SIMPLES | FORMA DESCONTÍNUA |
|-----------------------------------|--|--|
| Afastar | Maria afastou os móveis. | Maria afastou a cadeira da mesa. |
| Alinhar / realinhar | João alinhou a cadeira e a mesa. | João alinhou a cadeira com a mesa. |
| Aproximar / reaproximar | A criança aproximou a bola e a boneca. | A criança aproximou a bola da boneca. |
| Compatibilizar / incompatibilizar | Os esposos compatibilizaram seus horários. | Maria compatibilizou seus horários com os do esposo. |
| Distanciar / distar | A professora distanciou as carteiras. | A professora distanciou a carteira de Pedinho da carteira de João. |
| Emparelhar | A vendedora emparelhou o vaso e os objetos na estante. | A vendedora emparelhou o vaso com os objetos na estante. |
| Nivelar | O pedreiro nivelou os pisos. | O pedreiro nivelou o piso da sala com o da cozinha. |
| Proporcionar | O cientista proporcionou as quantidades dos líquidos. | O cientista proporcionou a quantidade de água à quantidade de sal. |
| Sincronizar | João sincronizou os dois relógios. | João sincronizou o seu relógio com o da Maria. |

2.2.2 Verbos com a estrutura argumental como a de *juntar*:

- JUNTAR: {D, Adiretamente, (Aindiretamente)}

| VERBO | FORMA SIMPLES | FORMA DESCONTÍNUA |
|-------------|---|--|
| Acasalar | O fazendeiro acasalou os dois tipos de gado. | O fazendeiro acasalou o nelore com o boi comum. |
| Acoplar | João acoplou as peças. | João acoplou a peça ao motor. |
| Aglutinar | O cientista aglutinou a substancia e o composto. | O cientista aglutinou a substância com o composto. |
| Agregar | O concerto agregou ricos e pobres no mesmo local. | O concerto agregou os ricos com os pobres. |
| Agrupar | A professora agrupou os alunos. | A professora agrupou as meninas com os meninos. |
| Amalgamar | O ourives amalgamou ouro e prata. | O ourives amalgamou ouro com pata. |
| Conectar | João conectou os fios. | João conectou o fio à tomada. |
| Desencaixar | João desencaixou as peças. | João desencaixou a peça da engrenagem. |
| Desencostar | Maria desencostou as cadeiras e a poltrona. | Maria desencostou a cadeira da parede |
| Desgrudar | Maria desgrudou os adesivos. | Maria desgrudou o adesivo do vidro. |
| Despregar | Maria despregou os papéis. | Maria despregou o papel da revista. |
| Desprender | Maria desprende os colares. | Maria desprende o colar de pérolas dos outros colares. |
| Embaralhar | Ela embaralhou as cartas. | Ela embaralhou as manilhas com as cartas sem valor. |
| Embolar | Você embolou suas meias. | Você embolou as meias brancas com as pretas. |
| Encaixar | Maria encaixou as peças. | Ela encaixou a peça no quebra-cabeça. |
| Entrelaçar | O marinheiro entrelaçou a corda de pano e a de nylon. | O marinheiro entrelaçou as cordas de pano com as de nylon. |
| Fundir | O pintor fundiu as tintas. | O pintor fundiu a tinta vermelha com a azul. |
| Grudar | Maria grudou os papéis. | Maria grudou o papel na parede. |
| Integrar | A escola integrou alunos de diferentes classes sociais. | A escola integrou crianças pobres com ricas. |
| Juntar | João juntou o leite a farinha. | João juntou o leite com a farinha. |
| Ligar | Maria ligou os fios. | Maria ligou o fio da impressora com o do computador. |
| Mesclar | João mesclou laranja e morango no suco. | João mesclou morango com laranja no suco. |
| Misturar | Eu misturei café e sorvete. | Eu misturei café com sorvete. |
| Montar | João montou as peças. | João montou a peça grande com a pequena. |
| Reunir | O evento reuniu as pessoas. | O evento reuniu os jovens com os idosos. |
| Separar | Breno separou a gema e a clara. | Breno separou a gema da clara. |
| Sobrepor | Maria sobrepôs as toalhas. | Maria sobrepôs a toalha branca à vermelha. |
| Soldar | O ferreiro soldou os dois metais. | O ferreiro soldou aço com ferro. |
| Unir | Um interesse comum uniu João e Maria. | Um interesse comum uniu João com Maria. |

2.2.3 Verbos com a estrutura argumental como a de *inimizar*:

- INIMIZAR: {D, Adiretamente/experienciador, (Aindiretamente/experienciador)}

| VERBO | FORMA SIMPLES | FORMA DESCONTÍNUA |
|-------------|--|--|
| Aliar | Um interesse comum aliou João e Maria. | Um interesse comum aliou João com Maria. |
| Inimizar | A briga pela herança inimizou Maria e sua irmã. | A briga pela herança inimizou Maria com sua irmã. |
| Opor | O juiz opôs o advogado e o promotor. | O juiz opôs o advogado ao promotor. |
| Reconciliar | A mãe reconciliou os dois irmãos. | A mãe reconciliou João com seu irmão. |
| Rivalizou | A disputa pelo amor de Rita rivalizou Zé e Rafael. | A disputa pelo amor de Rita rivalizou Zé com Rafael. |

2.2.4 Verbos com a estrutura argumental como a de *comparar*:

- COMPARAR: {D/experienciador, E, (E/ponto de referência)}

| VERBO | SIMPLES | DESCONTÍNUA |
|-----------------------|--|--|
| Associar | João associa paixão e dor. | João associa a paixão à dor. |
| Atrelar | A pesquisadora atrelou as disciplinas. | A pesquisadora atrelou a lingüística à filosofia. |
| Comparar | Rafael comparou suas namoradas. | Rafael comparou a atual namorada com a ex. |
| Compor | Maria compôs os assessórios da roupa. | Maria compôs a sandália com o cinto. |
| Conciliar | João conciliou esporte e trabalho. | João conciliou o esporte com o trabalho. |
| Confrontar | Heloísa confrontou os dois textos. | Heloísa confrontou o texto novo com o antigo. |
| Confundir | Breno confunde os dois nomes. | Breno confunde Ana com Carol. |
| Conjugar | Maria conjuga bem as suas funções. | Maria conjuga bem a função de mãe com a de profissional. |
| Contrastar | Joana contrastou as suas notas e as de Ana. | Joana contrastou as suas notas com as de Ana. |
| Desassociar | João desassociou amor e dor. | João desassociou o amor da dor. |
| Desvincular | Heloísa desvinculou as coisas. | Heloísa desvinculou o dado da generalização. |
| Diferenciar / diferir | Heloísa diferenciou os conceitos. | Heloísa diferenciou a noção de simetria da de reciprocidade. |
| Distinguir | João distingue bem suas funções. | João distingue bem sua função de pai da função de professor. |
| Equilibrar | Breno equilibra razão e emoção. | Breno equilibra a emoção com a razão. |
| Equiparar | Eu equiparei os trabalhos de Ana e o de Joana. | Eu equiparei o trabalho de Ana com o de Joana. |
| Igualar | O chefe igualou as mulheres e os homens. | O chefe igualou as mulheres aos homens. |
| Relacionar | Eu relaciono os acontecimentos e os sentimentos. | Eu relaciono os acontecimentos aos nossos sentimentos. |
| Vincular | O detetive vinculou as evidências. | O detetive vinculou a evidência ao suspeito. |

3. Exemplos de sentenças com verbos transitivos de reciprocidade no argumento interno em uma forma derivada intransitiva

3.1 Construções ergativas (argumento-sujeito A)

| FORMA DERIVADA DO VERBO | FORMA SIMPLES | FORMA DESCONTÍNUA |
|-------------------------|---|--|
| Desencaixar-se | As peças (se) desencaixaram. | A peça pequena (se) desencaixou da grande. |
| Desgrudar-se | O adesivo e o papel (se) desgrudaram. | O adesivo (se) desgrudou do papel. |
| Desprender-se | O pingente e a argolinha (se) desprenderam. | O pingente (se) desprende da argolinha. |
| Embolar-se | As meias brancas e pretas (se) embolaram na gaveta. | As meias brancas (se) embolaram com as pretas na gaveta. |
| Entrelaçar-se | A linha preta e a branca (se) entrelaçaram. | A linha preta (se) entrelaçou com a branca. |
| Fundir-se | Cálcio e magnésio (se) fundiram. | O cálcio (se) fundiu com o magnésio. |
| Misturar-se | Os sabores (se) misturaram na receita. | O sabor do chocolate (se) misturou com o da canela. |

3.2 Construções médias (argumento-sujeito D/A)

| FORMA DERIVADA DO VERBO | FORMA SIMPLES | FORMA DESCONTÍNUA |
|-------------------------|--|---|
| Afastar-se | Heloísa e Rafael (se) afastaram. | Heloísa (se) afastou de Rafael. |
| Aliar-se | Atenienses e Espartanos (se) aliaram contra os persas. | Os Atenienses (se) aliaram aos Espartanos. |
| Aproximar-se | Breno e Leonardo (se) aproximaram. | Breno (se) aproximou de Leonardo. |
| Associar-se | Maurício e o colega (se) associaram. | Maurício (se) associou ao colega. |
| Inimizar-se | Luzia e Aline (se) inimizaram. | Luzia (se) inimizou com Aline. |
| Juntar-se | Os meninos se juntaram no pátio. | Pedrinho se juntou a Paulinho e Diego no pátio. |
| Opor-se | O político e o rival (se) opuseram na votação. | O político (se) opôs a seu rival na votação. |
| Reconciliar-se | Heloísa e Rafael (se) reconciliarão. | Heloísa (se) reconciliará com Rafael. |
| Reunir-se | João e Maria (se) reuniram. | João (se) reuniu com Maria. |
| Separar-se | João e Maria (se) separaram. | João (se) separou de Maria. |